

PENTAGRAMA

2002 NÚMERO 5

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



SABER... OU VERDADEIRA SABEDORIA?

OS PODERES DO VELHO HOMEM E DO NOVO HOMEM

LIBERTAR-SE DO MEDO

«CABE A CADA UM DECIDIR O QUE FAZER COM O TEMPO QUE LHE É CONCEDIDO...»

RASTROS NA AREIA

APRESENTAÇÕES COM PLAYBACK, A GRANDE IMITAÇÃO

NO CAMPO DA HESITAÇÃO

«O QUE EMBELEZA O DESERTO, DIZ O PEQUENO PRÍNCIPE, É QUE ELE ESCONDE

UM POÇO EM ALGUM LUGAR.»

O SEGREDO DO VERDADEIRO JARDIM DA VIDA

PENTAGRAMA

OS PODERES DO VELHO HOMEM E DO NOVO HOMEM

Neste artigo nos propomos a
comparar o ocultismo, na sua prática mais
divulgada, com a ciência e a magia da
Rosacruz Áurea.



ÍNDICE

- 2 SABER... OU VERDADEIRA SABEDORIA?
- 6 OS PODERES DO VELHO HOMEM E DO NOVO HOMEM
- 17 LIBERTAR-SE DO MEDO
- 19 «CABE A CADA UM DECIDIR O QUE FAZER COM O TEMPO QUE LHE É CONCEDIDO...»
- 24 RASTROS NA AREIA
- 27 APRESENTAÇÕES COM PLAYBACK, A GRANDE IMITAÇÃO
- 30 NO CAMPO DA HESITAÇÃO
- 34 «O QUE EMBELEZA O DESERTO, DIZ O PEQUENO PRÍNCIPE, É QUE ELE ESCONDE UM POÇO EM ALGUM LUGAR.»
- 36 O SEGREDO DO VERDADEIRO JARDIM DA VIDA

ANO 24
NÚMERO 5

SABER... OU VERDADEIRA SABEDORIA?

Existe uma nítida diferença entre as noções de «saber» e de «sabedoria». Para os pesquisadores no caminho, é importante compreender que a sabedoria divina nada tem em comum com os conhecimentos adquiridos e a compilação de informações.

A filosofia universal faz uma grande diferença entre «sabedoria» e «entendimento». Não que a sabedoria seja tudo e o entendimento nada; mas seus valores e suas propriedades são diferentes. O Criador depositou no homem sabedoria e entendimento. O Formador de todas as coisas ligou o homem original à sabedoria universal. O homem recebeu o poder do entendimento para ser capaz de reagir à sabedoria universal, de transformá-la e, uma vez transformada, de conservá-la. A memória humana era um acumulador no qual estava armazenada a sabedoria universal transformada.

A esse antigo poder pertenciam igualmente os centros da percepção pura e viva, os da razão e os da ação. Um homem podia, portanto, refletir sobre a sabedoria recebida, examiná-la com seus sentidos e depois se decidir e agir segundo sua razão. Ele era inteiramente responsável. Nesse sentido compreendemos que o homem antes da queda mantinha uma relação de obediência voluntária com Deus. Ele caminhava pela mão de Deus. Ele reagia de forma racional e moral, com espontaneidade e inteligência, à Sabedoria Universal que é de Deus. Assim, o homem era um Deus nascido de Deus,

o filho do Pai, perfeito como seu Pai nos céus é perfeito. Nada mais era do que crescimento e manifestação, como uma nebulosa que se torna um zodíaco.

O ENTENDIMENTO, ORIGEM DO SOFRIMENTO

Quando falamos de «entendimento sadio», compreendemos claramente o que isso quer dizer. Desde o princípio, o criador havia dado ao homem sabedoria e entendimento sadios. E eis nos aqui diante de uma das causas mais profundas de todo sofrimento humano. É que, desde tempos imemoriais, o homem perdeu essa sadia compreensão. Seu entendimento se encontra gravemente enfermo e desorganizado. O santuário da cabeça está desnaturado e a faculdade de raciocinar, nesta natureza, tornou-se uma desalentadora caricatura de sua antiga glória.

A experiência da vida confirma esses fatos. Eles são a causa de uma situação extremamente penosa e sufocante. Agora compreendemos melhor a pergunta feita pelo apóstolo Tiago: *Quem entre vós é sábio e compreende?* E a conclusão decepcionante: *Ninguém é sábio, ninguém compreende!* No mundo dialético, ninguém dispõe de um poder de compreensão sadio. É por isso que ninguém está em ligação com a sabedoria universal e a expressão *caminhar pela mão de Deus* é um conto de fadas delicado, porém perigoso. No mesmo sentido Jesus Cristo

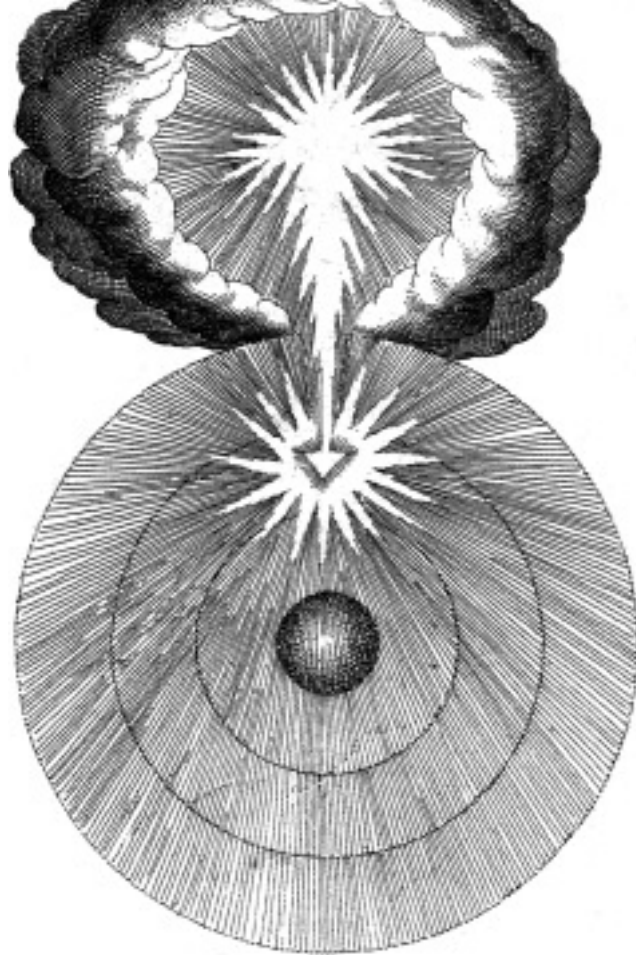
disse: *Ninguém é bom, nem mesmo um!*

O FUNCIONAMENTO DO ENTENDIMENTO BASEIA-SE EM HIPÓTESES

Ao nos aprofundarmos mais nessa questão, constatamos que existem diferentes tipos de homens. Existe, a princípio, o homem do tipo cultural, sempre ocupado em cultivar o entendimento. O estado de queda, no qual a humanidade se encontra na terra, faz com que esse poder do entendimento dependa sempre de estímulos externos. Afinal, privadas das influências do Logos e do poder que denominamos kundalini, são as normas, as hipóteses e as necessidades da civilização dialética, a religião – e outras especulações sentimentais – que substituem o saber absoluto. E, assim sendo, impulsionamos e forçamos o intelecto a desenvolver-se numa certa direção.

Tudo isso é transmitido de geração em geração através do sangue. As solicitações exteriores incansavelmente reiteradas, associadas às tendências sangüíneas internas que a isso se harmonizam, fizeram do homem o ser intelectual que ele é, ou que está em vias de se tornar. O intelecto da criança está fixado sobre a existência, segundo um plano de educação garantido pela lei.

A experiência nos ensina que o homem intelectual é extremamente infeliz; ou que ele está a caminho de tornar-se infeliz. Sua vida é uma constan-



te perseguição à felicidade, que sempre lhe foge. Com isso, ele causa, para si mesmo e para seus filhos, um prejuízo incalculável que danifica sua estrutura orgânica.

UM EFEITO QUE SE DEMONSTRA NO FÍSICO DO HOMEM

Cada órgão do corpo ou é santificado, ou é julgado de acordo com o objetivo a que ele serviu. Uma formação intelectual estimulada ao extremo torna impossível a assimilação da sabedoria superior. Os órgãos da cabeça que permitiriam essa assimilação encontram-se, então, em um estado inquietante.

A formação intelectual só pode ser impulsionada até um certo ponto. Além desse ponto, produzem-se as coisas mais estranhas, as mais lastimáveis e as mais horríveis, a respeito das

O sol ilumina e penetra todo o cosmo. *Philosophia sacra*, Robert Fludd, Frankfurt, 1626.

quais não entraremos em detalhes. O certo é que quando uma pessoa no caminho do suicídio intelectual passa de um ponto onde um incidente acontece na terceira cavidade cerebral, ela perde a razão.

Um outro tipo humano é constituído por aqueles que possuem uma menor formação intelectual. Sua capacidade cerebral permaneceu, por diferentes razões, abaixo de um certo nível. A ciência esotérica de todos os tempos fala, a esse respeito, de uma «consciência cerebral lunar». As pessoas desse tipo são mais sensíveis ao toque universal abstrato, mas elas não podem compreender nem transformar esses impulsos. Elas são muito atraídas pelo mistério e pelo invisível e se entregam de bom grado à mística sensual. Além disso, mostram com frequência inveja para com os intelectuais que – em razão de sua superioridade – ocupam uma posição social melhor remunerada. Essa inveja geralmente se manifesta pelo reconhecimento mental da existência de prejuízo para elas e para sua posteridade direta. A luta de classes mantém estreita relação com esse fenômeno.

TRÊS CENTROS REGEM A VIDA

Ao lado desses dois tipos humanos em questão, existem diversas subcategorias às quais falta, via de regra, uma compreensão sadia. Se estudarmos esse problema com mais afinco, veremos claramente que o ser humano possui três centros importantes. Nossa filosofia os define assim: santuário da cabeça, santuário do coração e santuário pélvico.

No ser dialético, esses três centros não se encontram harmonizados entre si. Assim, a compreensão e o sentimento podem estar concordantes e a ação estar ausente. Ou o cérebro doentio estar voltado para a ação, ignorando completamente o sentimento.

Ou, ainda, a ação e o sentimento trabalham juntos enquanto que a compreensão não desempenha papel nenhum. A Psicologia atual adere inteiramente a esse antigo ensinamento.

INTERROMPER O DECLÍNIO

Se ainda podeis visualizar essa situação – não com referência a outras pessoas, mas como uma urgência pessoal – e descobris estar na descida da perdição, então é compreensível que vos pergunteis como escapar do destino. Isso é possível pelo processo de transfiguração, se empreendeis a transformação total de vosso ser. Não pela cultura da vossa personalidade, mas pela recriação do vosso microcosmo. Para evitar qualquer mal entendido, nós não nos referimos aqui a renascimento, pois essa noção pode levar a confusão mística e fatais equívocos.

Para muitos, renascimento significa conversão à religião natural biológica, seguida de um obumbramento pelas forças da esfera refletora.

Os antigos denominavam a ciência da transfiguração de teofania, o que significa: reaparecimento do homem divino. Essa ciência é tão magnífica, tão grandiosa e, ao mesmo tempo, tão complexa, que não podemos concebê-la em sua totalidade. O certo é que todo processo de transfiguração deve começar por um forte ataque ao entendimento humano terrestre.

O APARECIMENTO DO HOMEM DIVINO

O atual entendimento do homem material é o principal fator que obstaculiza o reaparecimento do homem divino. O ensinamento universal mostra claramente a cada candidato que seu cérebro material, órgão de sua na-

tureza sensorial, é o maior inimigo da sabedoria universal. Se treinamos nosso intelecto ou não, se escolhermos para nossas crianças tal ou qual método pedagógico, não tem nenhuma importância. Todos os métodos mentais ou de desenvolvimento intelectual segundo a natureza, sem exceção, comportam perigos e acabam provocando resultados negativos. O entendimento sadio, que se manifesta na teofania, está dialeticamente fora de alcance. É por isso que uma premente questão se coloca: como escapar das consequências dessa situação? Mais uma vez respondemos: a libertação é o reaparecimento do homem divino.

Ora, vossos estados biológico, moral e espiritual impedem esse reaparecimento, tornando-o mesmo impossível. O homem natural que sois carece de tudo o que precisaria para realizar esse reaparecimento. Necessitais de um *novo martelo* e de uma *nova palavra* para vos tornardes um verdadeiro franco-maçom. Necessitais de auxílio, de um mediador, de um socorro divino. Sem isso, nada podeis. O homem extraviado recebe esse auxílio na força denominada Cristo. Não se trata do Cristo histórico, teológico, mas da força que, com amor indizível, penetra no mundo dos homens para salvá-los.

O NOVO MARTELO E A NOVA PALAVRA

Quando o construtor empreende seu trabalho e vê suas tentativas malograrem, ele necessita de um novo martelo e de uma nova palavra, isto é, da nova força ofertada pelo Logos. Enquanto Cristão Rosacruz permanece em seu sepulcro com grande aparato – notai esta expressão que evoca a imagem de uma tumba numa pirâmide – está gravado no bronze inalterável da placa que fecha sua tumba: «Jesus é tudo para mim». Não se trata de um certo Jesus que teria nascido há 2000

anos, mas do socorro divino que irrompe em nossa miserável existência terrestre a fim de impulsionar o homem para a transfiguração. E vede o resultado!

A ILUMINAÇÃO INTERIOR É A BASE DA TRANSMUTAÇÃO

Se, no entanto, desejais compreender algo desse processo de salvação com vosso intelecto, se procurais ativamente penetrar nele, a ciência sagrada vem em vosso auxílio. Em nosso cérebro encontram-se sete espaços vazios. No candidato sério que empreende o caminho libertador em Jesus Cristo, essas sete cavidades serão tocadas, uma após outra, pela «força divina mediadora». Esse contato é descrito como o *toque do Espírito Sétuplo, as sete harmonias divinas*, ou ainda *as sete cordas descendidas no poço da morte*. Quando esses sete espaços do cérebro estão preenchidos e ativados e o processo da transfiguração é sustentado pelo ser sangüíneo do candidato, essas cavidades são preenchidas de força libertadora. Tudo isso é acompanhado de um desenvolvimento do cerebelo e do maravilhoso bulbo raquidiano pelo qual se produz uma circulação espiritual mental entre o candidato e o Criador. Na antiga obra caldaica *O livro dos números*, essa fase corresponde a Samaël, o hierofante do mistério oculto que entra em ligação com Michaël, a sabedoria terrestre superior. É graças a essa iluminação sétupla, pelo Espírito Santo, que o candidato pode ser denominado um Mahat (mahatma), um Manas, um pensador. Essa iluminação incentiva o processo de transfiguração.

Sem o entendimento que adquiriu sabedoria, ninguém pode avançar um centímetro sequer na senda da iluminação. Que o *novo martelo* e a *nova palavra* sejam vosso quinhão.

Jan van Rijckenborgh

OS PODERES DO VELHO HOMEM E DO NOVO HOMEM

Neste artigo nos propomos a comparar o ocultismo, na sua prática mais divulgada, com a ciência e a magia da Rosacruz Áurea. Desejamos esclarecer um pouco essas duas abordagens divergentes e inconciliáveis para permitir que cada um veja as diferenças e disso tire suas conclusões. De nossa parte, afirmamos que não temos outra meta além de sermos úteis ao leitor

Sabemos que a esfera material na qual vivemos possui diferentes propriedades e obedece a diferentes leis. O mesmo acontece com a esfera refletora do nosso planeta e sua substância. Conhecemos ao todo sete propriedades, sete planos materiais e sete dimensões. Isso também ocorre com o homem, com seus sete sentidos que lhe permitem reagir ao mundo sétuplo da natureza, nele exprimir-se e nele trabalhar.

Note-se que esse sétuplo potencial sensorial é teórico. Na realidade só se conhece e se utiliza cinco sentidos. Os outros dois ainda não estão desenvolvidos, pelo menos não no homem que se encontra do lado de cá do véu. Mas, na esfera refletora, ele recupera esses dois outros sentidos. Devido à mutilação de sua personalidade, que ocorre com a perda do corpo físico, ele fica impossibilitado de se manifestar na esfera material. Por esse motivo, essa realidade mutilada retorna constantemente ao mundo à procura de uma compensação nas esferas material e refletora.

LANÇAR UMA PONTE ENTRE DUAS METADES

O homem dialético procura neutralizar essa realidade rompida. Ele tenta lançar uma ponte entre dois mundos estranhos entre si, e que, entretanto, são as duas metades do mesmo mundo. Nós qualificamos de oculta essa tendência de lançar uma ponte. E denominamos ocultismo a tentativa de lançar uma ponte, de forma sensorial, com a finalidade de tirar diversas vantagens disso. Os diferentes benefícios almejados se referem aos diferentes tipos humanos e dão lugar ao que denominamos correntes ocultas.

Assim, existe uma corrente oculta religiosa que tem como objetivo instaurar uma relação consciente com o país da luz do além. Existe também uma corrente oculta científica que, pelo que se percebe, visa estabelecer um domínio pelo saber. Uma terceira corrente oculta materialista exerce seus poderes para fins de ordem exclusivamente pecuniária. E, finalmente, a quarta corrente oculta consagra-se à conservação e à cultura do eu.

A enumeração dessas diversas orientações explica porque o ocultismo não inspira nenhum interesse para a Escola moderna da Rosacruz Áurea. Dia após dia, repetimos em todos os tons que nossa finalidade não está voltada para a esfera refletora, para nenhuma de suas facetas e para nenhum de seus domínios, porque esse é um objetivo que não oferece



Como os impulsos enviados pelos sentidos são tratados pelo cérebro. *Utriusque cosmi*, Robert Fludd, 1619.

nenhum aspecto libertador. Não temos nenhuma intenção de lançar uma ponte na direção dessas esferas. Nós nos propomos muito mais a neutralizar o interesse que alguns alunos possam sentir por esses movimentos.

SETE PODERES SUPERIORES

O verdadeiro homem possui sete poderes que correspondem a um mundo sétuplo. Trata-se do homem liberto das limitações e da rotina



inerentes à natureza dialética. Esses sete poderes são os seguintes:

- o primeiro e o mais elevado é o poder do amor. É uma força que transforma tudo em luz. Todos os escritos sagrados falam da supremacia da luz. Deus é amor e, portanto, Deus é luz;
- o segundo é o poder da sabedoria, suscetível de ser alcançada e assimilada pela razão;
- o terceiro poder do homem é a vontade. Nós falamos da vontade presente, enquanto sumo sacerdote, no templo humano e que, sustentada pelo amor e pela sabedoria, executa a vontade de Deus;
- o quarto poder é o do pensamento, que serve ao aluno sustentado pelo amor, pela sabedoria e pela razão, e que, sob o impulso da vontade, forma seu mental, até nos mínimos detalhes;
- o quinto poder é aquele que os antigos denominavam de kundalini shakti. É o próprio princípio da vida. Nossa filosofia a define como sendo uma energia dinâmica concentrada que anima o mental;

- o sexto poder é a manifestação da forma. É o poder divino do mental evocador. A palavra criadora engendra uma poderosa vibração, de natureza mágica, que leva a mente a manifestar-se na matéria;
- o sétimo poder entra em ação a partir da síntese dos outros seis; ele coloca a serviço do divino tudo o que foi realizado pelos outros seis poderes. As forças dos seis primeiros poderes engendram uma luz universal que irradia no sétimo.

Considerados como focos de combustão, cada um desses poderes possui um núcleo de consciência cuja radiação constitui o sétimo poder.

UMA CARICATURA DO NOVO HOMEM

Comparado com esse homem sétuplo, ideal, vemos como o homem dialético nos parece longe dessa realização! Cada um de nós pode observar como esse ideal ultrapassa nossas próprias capacidades. Mesmo no melhor

O homem e sua relação com as forças da natureza. Gravura sobre madeira de Hans Weiditz na tradução holandesa do *Espelho da consolação* de Petrarca, 1532.

dos casos, ele é apenas uma caricatura. Procuremos esclarecer esse ponto com o auxílio de alguns exemplos.

Tomemos a clarividência e a psicometria (análise das associações psíquicas) que são o resultado de uma imaturidade do segundo poder e um falso semblante da sabedoria. Pode-se alcançar intelectualmente o segundo poder, pode-se transmutá-lo e assimilá-lo. Porém, mesmo com a ausência de ligação com a sabedoria, e até mesmo com as faculdades mentais um tanto degeneradas, tem-se o poder de desenvolver a clarividência e a análise das associações psíquicas. Mas está claro que essas faculdades nada têm a ver com a intenção divina. São simples reações biológicas.

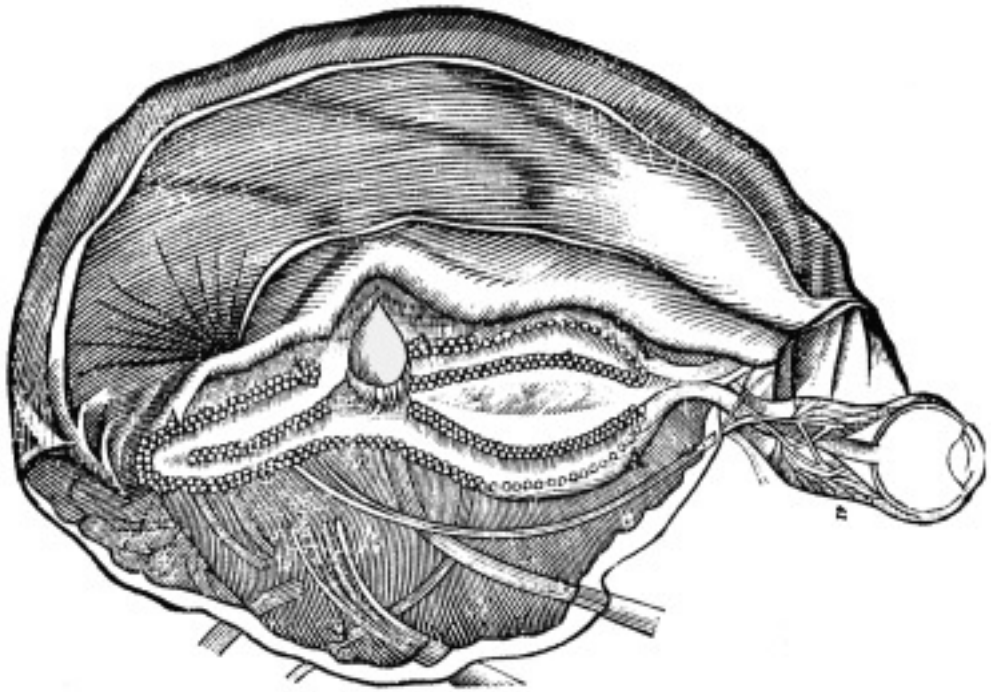
A clarividência é uma percepção que implica numa distância: aquele que percebe encontra-se a uma certa distância daquilo que é percebido. É preciso não confundir clarividência com visão etérica, que é um refinamento e uma ampliação da faculdade de percepção material. A psicometria é a faculdade de perceber as coisas numa relação mútua. O psicometrista que lê os pensamentos será capaz, por exemplo, ao ouvir o alarme de um relógio, de perceber o estado psicológico do seu proprietário. Aptidões puramente biológicas. Por sua vez, o estudo do comportamento de certas espécies de animais coloca em evidência seus dons de clarividência, de clariaudiência e de associação psíquica. O cão policial possui um ouvido e um olfato muito desenvolvidos para fazer o seu trabalho. Mesmo que seja ainda de forma muito relativa, no animal, assim como no homem, as glândulas de secreção interna têm um papel importante. Se, em circunstâncias análogas, o homem não se comporta como o cachorro, é somente porque ele é dotado de razão.

A AÇÃO COMBINADA DA HIPÓFISE E DA PINEAL

Estudemos agora como a clarividência intervém no homem biológico. Examinemos, pois, a pineal (ou epífise) e a hipófise (ou glândula pituitária). As duas situam-se na cabeça. A pineal é um corpo oval – de dez a doze milímetros de comprimento – ligada à parte posterior ou terceiro ventrículo cerebral. A hipófise é um pequeno órgão duro, de dois centímetros de largura, um centímetro de comprimento e um centímetro de altura. Ela tem mais ou menos a mesma constituição da pineal. Se bem que a fisiologia não faça comparação entre as duas, o gnóstico sabe que elas agem conjuntamente. A hipófise comunica um impulso, de teor vibratório crescente, que desperta a pineal. Falando de outra forma: o sexto sentido ativa o sétimo e a radiação da pineal ilumina o campo aural do homem, estendendo-se até mesmo além dele. A esfera aural, o campo de respiração, por sua vez, impressiona esses órgãos.

Sabemos que os pensamentos e os sons podem percorrer grandes distâncias. Tomemos o seguinte exemplo: alguém pensa «vou visitar fulano ou fulana esta semana». Esse pensamento chega até a esfera aural dessa pessoa. A hipófise, que está sutilmente sintonizada, recebe a impressão e entra em vibração. A vibração atinge a pineal. Assim, ela capta a imagem do amigo que pensou nela, recebe a impressão e sabe que ele virá. Cada um de nós pode fazer essa espécie de experiência; todos nós somos mais ou menos clarividentes e clariaudientes.

Essas duas faculdades podem se manifestar de forma tanto negativa quanto positiva. Somos clarividentes negativos quando deliberadamente deixamos penetrar em nosso campo



Corte transversal do cérebro mostrando a pineal. O amigo de Goethe, o médico S.A. Soemmerring, pensava que a pineal era «o órgão da alma».

aural influências que vêm do exterior e que retemos. O pensamento, de tão concentrado, acaba inflamando-se e a imagem zelosamente mantida faz irradiar da hipófise uma corrente que atinge a pineal e provoca uma sensação de clarividência. A clarividência positiva consiste em concentrar o pensamento sobre um objeto. A força do pensamento orientada conscientemente penetra a esfera aural do objeto que, sendo um pólo de interesse, torna-se um livro aberto para o vidente. É inútil dizer que, por diversos métodos e exercícios, pode-se desenvolver essa faculdade inata e obter resultados muito surpreendentes.

UMA CULTURA DA SECREÇÃO INTERNA

Quando examinamos esses fenômenos sob um ponto de vista realista e objetivo, descobrimos que essas facul-

dades, ditas superiores, são somente uma cultura da nossa secreção interna. Para entregar-se a essa cultura, não há nenhuma necessidade de ser bom, nem honesto, nem de mudar seja o que for em sua vida. Todos os que se interessam por isso podem praticar essa forma de ocultismo com a única condição de que sua estrutura biológica não seja obstáculo para isso. Existem numerosas formas de ativar a secreção interna, mas é desnecessário dizer que constituem, igualmente, meios para ir de encontro a tremendos perigos.

Assim, a ampliação da consciência dialética caminha juntamente com o aumento de certos perigos. Não somente para o interessado, mas principalmente para terceiros que são explorados psíquica, moral e espiritualmente. Para sermos mais precisos, esclareçamos que quando uma pessoa se entrega a um treinamento negativo ou positivo da secreção interna, ou então, se essa sensibilidade for uma disposição natural e ela não sabe se proteger

com uma linha de conduta sã e altamente moral, ela abre seu ser aural para toda a sorte de forças que não tardam a dominá-la.

A CULTURA DA PERSONALIDADE REFORÇA A LIGAÇÃO COM A NATUREZA

A cultura da secreção interna é uma cultura da personalidade que a liga fortemente com a natureza. É portanto ir de encontro à finalidade buscada pelo candidato aos mistérios. Em que consiste exatamente o poder superior do novo homem? O princípio desse novo poder é uma neutralização total do eu. Isso não significa tornar-se um pouco menos egoísta ou um pouco mais humanitarista ou, ainda, conformar-se com preceitos religiosos ou outras normas superiores. Não, o que a Escola da Rosacruz Áurea entende por neutralização do eu é uma total supressão da complexa estrutura humana desta natureza.

Com base nisso, o aluno da Escola Espiritual dá início ao trabalho preparatório. Trata-se, em primeiro lugar, de modificar completamente as correntes vitais da manifestação dialética. Essa é a condição prévia, pois o ser dialético está centralizado no ego.

As forças e os elementos que constituem o ser dialético obrigam-no a se conservar. E o aluno, tão logo inicie o caminho libertador, deve aplicar-se para se libertar de tudo o que contribui para a coesão do eu e para sua conservação. Trata-se de um trabalho em profundidade, do qual não se escapa. Afinal, a esfera aural, o precioso campo de respiração do aluno no caminho, deve antes se libertar de toda a influência material inferior.

Somente quando o campo de respiração se tornar limpo é que se pode

começar a ver o trabalho sob o seu verdadeiro aspecto.

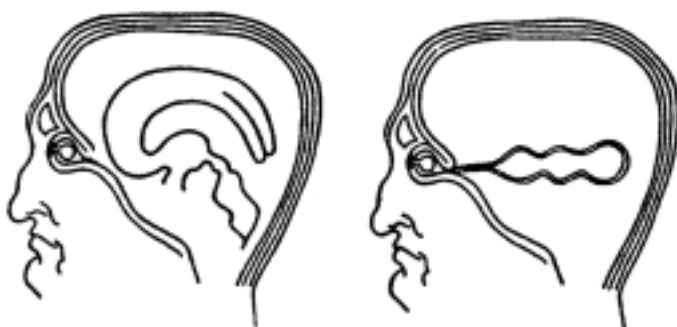
Mas agora trata-se de saber se essa purificação do campo aural e sua impermeabilidade a todas as influências maléficas são realizáveis.

DESCOBRIR QUE A NATUREZA ESTÁ FADADA AO DECLÍNIO

Essa certeza provém do fato de que o campo aural dispõe de três poderes. E é o núcleo da consciência no homem que tem o domínio deles. O primeiro é um poder de atração, o segundo um poder de repulsão e o terceiro um poder de neutralização de tudo o que aspira a se manter no campo aural. É importante usar esses poderes de forma positiva e racional.

Geralmente, o homem é inteiramente responsável pela direção dos três poderes. Será preciso que ele compreenda primeiro que o núcleo de consciência dialético está preso num círculo vicioso, que cada ascensão é sempre seguida de uma queda, segundo um duplo movimento que mantém o homem prisioneiro dos limites deste mundo. Em seguida é preciso que ele descubra que, como ser desta natureza, ele está fadado ao declínio, para permitir que uma nova vida se manifeste: a vida do outro, o ser celeste que deve se manifestar no microcosmo.

As cavidades
cerebrais
desenhadas por
Leonardo da Vinci.



Num dado momento, é o «ser» que toma a direção dessa introspecção, pois é impossível ao aluno conseguir levar a bom termo o processo de renovação com suas próprias forças, pois a consciência dialética age somente de conformidade com a sua natureza.

Quando um ser decide seguir o caminho que conduz à justa visão, ele é logo preenchido por uma força que não pertence a esta natureza. A força sobrenatural faz que ele tome consciência da existência de um mundo superior, e essa descoberta o induz a empenhar-se no caminho libertador. A mesma força o faz entrever, em uma fração de segundo, até que ponto ele está ancorado em seu ser sangüíneo. Eis aí a constatação indispensável para a realização do processo de mudança fundamental.

DIRIGIR CONSCIENTEMENTE OS TRÊS PODERES

O aluno toma, portanto, sua decisão a partir de sua ligação com uma força de natureza completamente diferente e que serve de intermediária entre ele e a pátria original. Ele sente essa força e essa ligação como uma memória consciente de uma supranatureza, despertada pelo amor divino.

A memória consciente permite ao candidato utilizar, com lucidez, os três poderes de seu campo de respiração e afastar as influências que se opõem à finalidade que ele fixou para si mesmo. O processo inteiro se desenvolve sob o signo do poder de neutralização.

Aquele que se liga a essa tarefa deve travar um grande combate interior. Afinal, seguramente, é preciso não contar com a colaboração dos dois outros poderes. É um maravilhoso processo que se inicia, no qual a memória consciente supranatural, situada num

dos centros cerebrais, entre os dois lóbulos, é submetida a uma intensa vibração que abre as sete cavidades cerebrais ao prana universal, ao sopro de vida divino. A Rosa abre-se à luz solar celeste, enquanto que esses sete poderes são preenchidos pela força do Espírito Santo e vencem a antiga vida.

A filosofia rosacruciana denomina esse combate de *caminho de João Batista* e ao poder sétuplo que ele evoca, de *rosa de São João*. A festa de São João é aquela do aluno que prepara seu campo aural para o processo, o qual exige que a consciência-eu vá até o fim de sua caminhada através da natureza da morte. Então, a consciência celeste despertará e será absorvida nas obras do reino divino. A festa de São João culmina no momento da passagem dos poderes à Rosa Branca. É preciso compreender com isso que a rosa do santuário da cabeça abre-se à intensa vibração da memória consciente superior.

O SOL ENTRA NO SIGNO DE CÂNCER

Compreendemos agora porque o aluno em quem se efetua uma tal transferência exclama arrebatado de alegria: «Que Ele, o celeste em mim, cresça e que eu, o humano, diminua». Não é por acaso que o processo de perecimento do eu está em relação com a entrada do sol no signo de Câncer que, como sem dúvida sabeis, é o signo do nadir zodiacal. Acrescentamos que é preciso fincar a cruz na terra negra do nadir da vida pois, sem esse sólido fundamento, o aluno não pode plantar sua cruz. O processo preparatório inicia e o combate é travado na força do Espírito Santo, contra o eu e seus impulsos. É preciso que o aluno torne-se primeiramente um cavaleiro de São João.



A rosa de São João é sétupla; são os sete poderes superiores, um fogo sétuplo correspondendo às sete cavidades cerebrais. Quando ele se acende, fala-se também das sete harmonias:

- a primeira harmonia é o canto do amor; o amor e Deus são um. Deus é Luz e Deus é Amor;
- a segunda harmonia é o cântico da sabedoria;
- a terceira harmonia é a vontade do sumo-sacerdote que canta seu hino diante do altar interior;
- na quarta harmonia está a força do pensamento;
- na quinta harmonia se manifestam as forças de uma dinâmica;
- na sexta, aparece a forma;
- e a sétima harmonia é a força que reúne as outras seis em um estado integral.

Em conclusão, podemos dizer que a Rosa de São João é a chave que abre as Sete Portas Eternas. Os sete poderes superiores dão acesso à comunidade divina original de onde procedem todos os elementos que servem para a construção do novo homem celeste.

A REVELAÇÃO SÉTUPLA

Os Irmãos da Rosacruz, com sua pura fé cristã, sempre professaram o caminho de cruz, na magia da rosa crucificada que se colore com o sangue de sua oferenda em Jesus o Senhor. Tal é o poder da revelação do microcosmo sétuplo.

Essa revelação não significa que se conquistou o sétuplo domínio das forças divinas, mas que já se obtém uma ligação sétupla com o perfeito Ser sétuplo. Essa ligação permite ao aluno prosseguir em seu grande trabalho de edificação. Em primeiro lugar, existe, portanto, um perecimento. Em segundo lugar, há um trabalho de construção de algo novo, segundo o princípio: quando a Luz aparece, dissipam-se as trevas.

O perecimento que se realiza nada tem de dramático, como vimos na Idade Média quando os místicos se flagelavam e se açoitavam, ou como as pessoas que se deitam sobre tábuas com pregos para matar seus desejos carnis. O perecimento do eu que vos

Angkor Vat,
Camboja. Foto
Pentagrama.

descrevemos nada tem em comum com essas práticas.

É um processo metabólico que se inicia com o toque da luz universal no ser. O perecimento segundo a natureza consiste numa total renovação. É, em outras palavras, a transfiguração. A morte da antiga natureza corresponde ao nascimento da nova natureza. O sétuplo poder do novo homem cresce à medida que se realiza a transfiguração. Sob a condução do Espírito Santo se realiza a transfiguração. Sob a condução do Espírito Santo, que penetra nele, o candidato retorna à pátria perdida.

E para terminar, uma última comparação entre a cultura dialética da hipófise e da pineal e o que elas representam na nova natureza. No novo poder, a hipófise e a pineal são dois elementos, duas pétalas da rosa sétupla. Esses dois órgãos estão estreita-

mente ligados a duas das sete cavidades cerebrais, e não funcionam mais da mesma maneira, mesmo que somente como órgãos de percepção da esfera aural. Eles estão em ligação com o Espírito Santo sétuplo, abertos a um toque que não é deste mundo, abertos ao que nenhum ouvido ouviu, ao que nenhum olho viu. Ligados às cinco outras pétalas da rosa, eles formam, juntos, as sete chamas do fogo do Espírito Santo. O caminho descrito manifesta a rosa sétupla em sua perfeita coesão.

A IMITAÇÃO DAS FORÇAS SANTAS

Exercitar esses dois órgãos de secreção interna, segundo a antiga natureza, consiste em brincar com o fogo dos poderes sensoriais superiores.

O QUE OS ROSACRUZES ENTENDEM POR:

Campo de respiração — é o campo de força que liga a personalidade ao ser aural, campo no qual se concentram e se equilibram as forças e as substâncias que permitem a conservação da personalidade.

Ser aural — campo de manifestação que envolve a personalidade e que possui uma estrutura e um conteúdo próprios. É uma esfera que possui pontos magnéticos, como um céu estrelado, traços das numerosas encarnações no microcosmo.

Esses pontos atraem as forças exteriores e as enviam para a personalidade e o santuário da cabeça. O ser aural também é denominado de «eu superior»: é um ser radiante e luminoso que permanece em intera-

ção com a personalidade. Para o transfigurista, é o pior adversário do processo fundamental de renovação.

Microcosmo — significa pequeno mundo ou minutus mundus. É um sistema vital de forma esférica e de natureza complexa que compreende (do interior para o exterior): o corpo físico, o corpo etérico, o corpo astral e o corpo mental (os quatro formando a personalidade), o campo de manifestação ou campo de respiração, o ser aural com seu campo magnético sétuplo envolto pela lípika. O microcosmo do homem de hoje se encontra mutilado e degenerado.

Natureza original — é o domínio de onde provém a humanidade, de

Como o frêmito nervoso de um dom divino, danificado no homem, isso provoca uma ilusão. Pensamos na serpente de Moisés e na imitação que os sacerdotes egípcios fizeram disso. Moisés se apresenta diante do Faraó e, com o bastão de seu próprio fogo sagrado, sinal de sua humanidade superior, ele prova ao mundo que seu caminho é libertador. Mas os sacerdotes do Faraó procuram bloquear essa libertação com seus sucedâneos ímpios do fogo da serpente.

Muitas coisas e forças sagradas podem ser imitadas e, diante dessas caricaturas, podemos imaginar estar contemplando a verdade, o essencial.

Não é assim que acontece na vida comum? Dizemos «a vida», mas considerando-se bem, é sofrimento e desgosto. Por isso, se quisermos compreender essas coisas, devemos nos elevar acima da compreensão comum para

receber a Rosa Branca de São João. Quando a Rosa Branca, o sétuplo poder superior se manifesta pela abertura das Sete Portas Eternas, aquele que é tocado compreende as palavras de Cristo: «O reino de Deus está em vós». Porque a partir da rosa e pelo sacrifício (a oferenda) de João, se realiza o homem-Jesus. Falando de outra forma: o poder superior do novo homem torna o candidato apto a se tornar perfeito, como seu Pai no Céu é perfeito.

Catharose de Petri

Este artigo de Catharose de Petri foi publicado na revista *De Topsteen*, (A Pedra do Cume) de agosto e setembro de 1978.

onde ela caiu, e de onde ela se distanciou antes de se perder na matéria. O homem tem como núcleo de seu ser a lembrança desse reino de imortalidade, que o impulsiona a procurar o caminho do retorno.

Personalidade — o ser humano é um sistema composto de quatro corpos: o corpo físico ou material, o etérico ou corpo vital, o astral e o corpo mental. Eles formam a personalidade e são, hoje, quase que exclusivamente governados pelo «eu».

Pineal — a glândula pineal encontra-se no centro da cabeça, sob o cérebro. Ela é formada de grãos de matéria mineral. É a sede da iluminação interior, a porta pela qual

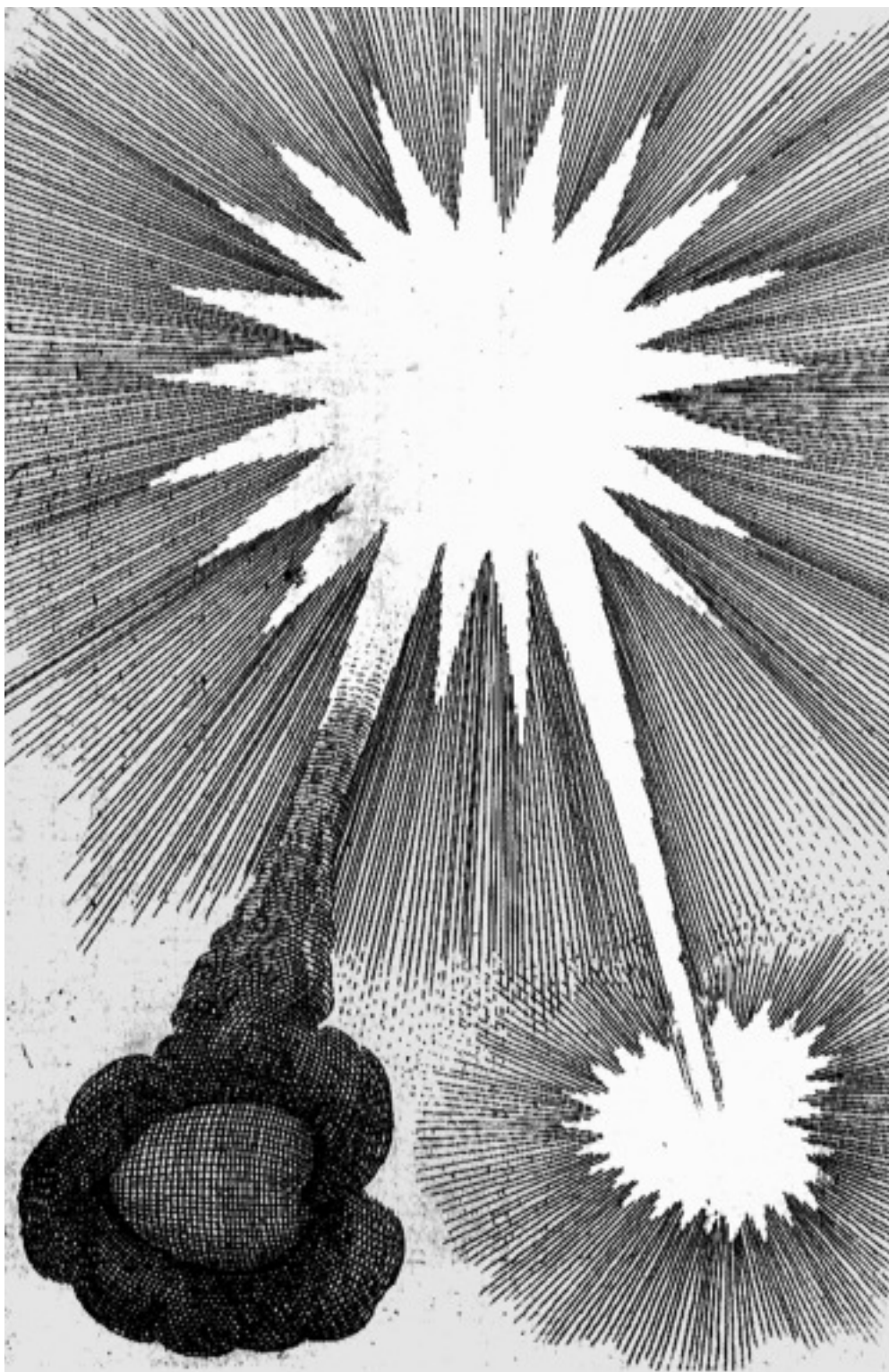
a Sabedoria divina pode entrar diretamente.

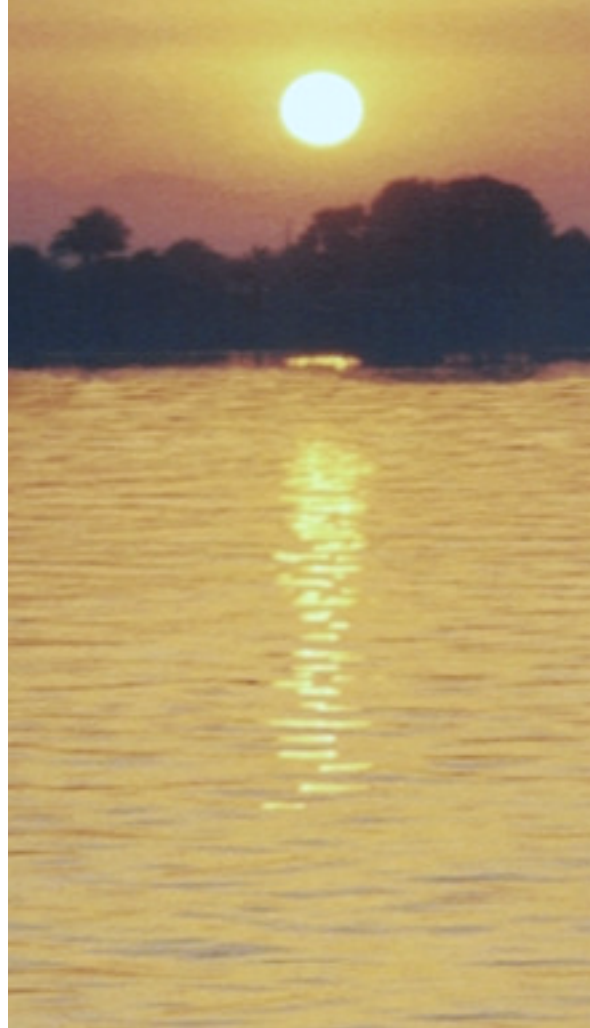
Hipófise — glândula de secreção interna situada na cabeça.

Esfera material — domínio no qual os elementos fogo, terra, ar e água entram em manifestação.

Esfera refletora — é a contraparte etérica da matéria visível. Domínio dos ditos inferno, purgatório e céu, três esferas pertencentes também à natureza da morte. Nos éteres da esfera refletora, todos os pensamentos, as paixões e os atos da humanidade se inscrevem e são refletidos, de onde provém o seu nome. Após a morte do corpo físico, os outros corpos se dissolvem na esfera refletora para dar lugar à próxima encarnação.

A luz divina irradia sobre bons e maus e é recebida de duas maneiras. O coração escuro traga a luz, o coração claro a irradia. *Philosophia sacra*, Robert Fludd, Frankfurt, 1626.





LIBERTAR-SE DO MEDO

«A história da minha vida é a história do meu medo.» Essa é a confissão muito pessoal de um ilustre contemporâneo. Perguntamo-nos como um homem, bem sucedido e considerado, pode chegar a um resultado tão deprimente.

Na verdade, o que é o medo? De onde ele provém? Todas as pessoas fazem essas perguntas, mais ou menos conscientemente. O conceito «medo» assemelha-se à idéia de encolhimento, de aperto. Uma angústia ou opressão se apossa de nós e domina todo o nosso ser. Essa opressão vem do coração,

é transmitida para a consciência e, numa fração de segundo, está presente em cada célula.

Existem duas espécies de medo: o medo agudo, que surge como reação imediata a uma ameaça, e o medo latente, que palpita no subconsciente e impulsiona o homem a fugir ou a se proteger. O medo agudo é sempre causado por um estímulo ou uma causa interior; o medo latente é mais difícil de ser identificado, porque está profundamente arraigado no homem. Sim, não nota ele com freqüência que esse medo motiva seus pensamentos, seus sentimentos e seus atos? Ele é seu fiel companheiro e faz parte integrante

Os pensamentos e sentimentos de medo ensombrecem a luz.
Foto Pentagrama.

da natureza humana. Ele não dá descanso e o impulsiona, sem cessar, a buscar soluções para os problemas cotidianos.

Se associarmos o conceito medo à noção de «estreito e apertado», somos levados a perguntar o que existe de apertado e de estreito no interior do ser humano, pois essas são sensações que têm relação com espaço e tempo. E o homem está ligado a essas duas dimensões. A vida é limitada por elas e a consciência adapta-se completamente a isso. Apesar de poder elevar-se às alturas, ela está restringida aos limites do espaço-tempo. Ela está, de certa forma, apertada. Trata-se de uma contração fundamental da consciência que criou, assim, um mundo limitado de pensamentos, de sentimentos e de atos. Essa consciência restringida impõe a si mesma sempre novas restrições e alimenta o medo que bitola seu campo de ação. No momento em que a consciência percebe sua limitação, o medo latente é ativado, torna-se agudo e domina seus atos. Trata-se de um medo existencial tão esmagador que se

chega à conclusão: «a história da minha vida é a história do meu medo».

Mas isso é tudo? É o fim? É o conhecimento supremo? A saída? Ainda não! Mas a solução está bem próxima. Porque ter consciência de que sua vida cotidiana é limitada e dominada pelo medo pode incitar uma alma atormentada a procurar uma saída, não exteriormente, mas no interior de si mesma. Um outro princípio, livre de todo o medo, pode então sair de seu sono secular e oferecer novas perspectivas. Esse princípio, esse poder, proveniente de uma realidade ilimitada, aberta e livre, foi outrora dado como quinhão à humanidade, mas ela o perdeu por ter caminhado no erro. Ele permanece, entretanto, oculto no homem, mesmo que este não esteja consciente disso. Esse princípio está sempre presente, em estado latente, porque até este momento o homem sentia-se em casa, em segurança, no interior desses limites. Hoje lhe é proposta uma outra morada e seu velho sentimento de segurança se estilhaça assim que ele vivencia conscientemente a exigüidade de seu estado atual. Reconhecer esse medo latente, compreender a sua causa, o conduz ao limiar de uma realidade totalmente nova e cheia de promessa. Só lhe resta abrir a porta e entrar.

Por detrás dessa porta, o medo não tem mais nenhum fundamento. É o reino da confiança ilimitada na realidade da humanidade-alma. O medo, que sempre entravou o homem no caminho de seu desenvolvimento espiritual, só pode ser vencido por uma total confiança nesse princípio espiritual original... e agindo a partir dessa relação de confiança. Aquele que alcançar isso dirá então: «a história da minha vida é a história da minha confiança».

Existem em nossos dias inúmeros agrupamentos filosóficos, religiosos e esotéricos que falam sobre um princípio espiritual interior, noção tirada de religiões e de sistemas filosóficos muito antigos. Um estudo mais preciso mostra que esse princípio é freqüentemente considerado como um aspecto essencial do homem mortal, como seu «espírito». Mas quando nos aprofundamos no ensinamento das duas ordens de natureza, descobrimos que esse princípio é originário de uma outra natureza, superior e estranha ao homem e, portanto, inteiramente livre de qualquer intervenção terrestre. É por isso que somente esse princípio pode libertar o homem de sua condição mortal, elevá-lo e conduzi-lo a uma mudança fundamental.

«CABE A CADA UM DECIDIR O QUE FAZER COM O TEMPO QUE LHE É CONCEDIDO...»

Quando Frodo, o hobbit, chega nas profundezas da montanha de Moria, ele é invadido pela dúvida: «Eu desejaria nunca ter recebido o anel, desejaria que nada disso tivesse me acontecido». Gandalf, o mago, lhe responde: «Sempre pensamos assim no momento das provas, mas não temos o poder de decidir. Cabe a cada um decidir o que fazer com o tempo que lhe é concedido!»

O livro do século XX torna-se o acontecimento cinematográfico do século XXI. Assim foi anunciado o lançamento do filme da primeira parte da trilogia – *A Sociedade do Anel*. Durante o ano de 2002 ele vem sendo projetado nos cinemas do mundo inteiro. Os livros de Tolkien já contam com cinquenta milhões de leitores. No Ocidente, *A Sociedade do Anel* ocupa o segundo lugar na lista dos best-sellers. O primeiro lugar pertence ainda e sempre à Bíblia. Um grande número de aficionados aguarda impacientemente a segunda parte do filme que deve sair no final de 2002, início de 2003.

O que apaixona tanto as pessoas nesse conto maravilhoso? Será a magistral adaptação, que custou 190 milhões de dólares? Ou então o mistério e a magia do conteúdo que se dirige a todos? *A Sociedade do Anel* se reporta ao combate entre a luz e as trevas, que ocorre no fim de uma era. Na Terra Média vivem grupos diferentes de seres, bons e maus. O poder de cada grupo é ligado a um anel forjado em

tempo longínquo com o único fim de dar um sentido histórico à evolução desses seres:

*Três Anéis para os Reis-Elfos
sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em
seus rochosos corredores,
Nove para Homens Mortais,
fadados ao eterno sono.*

Os elfos são seres imortais de alta estatura que devem proteger os mortais da Terra Média, na qual muito do antigo conhecimento se perdeu. Mas os poderosos magos que acompanham os elfos dispõem desse conhecimento. Os homens e os hobbits pertencem aos mortais da Terra Média. Estes últimos são de baixa estatura, não medem mais que um metro e se parecem muito com os homens.

Além dos dezenove anéis já citados, existe um vigésimo que não provém da luz, mas das trevas:

*Um para o Senhor do Escuro
em seu escuro trono
Na Terra de Mordor onde as
Sombras se deitam.
Um Anel para todos governar,
Um Anel para encontrá-los,
Um Anel para a todos trazer e na
escuridão aprisioná-los
Na Terra de Mordor onde as
Sombras se deitam.*

A sorte dos habitantes da Terra Média teria sido selada há muito tempo se Sauron, o Senhor do Escuro, não tivesse sido vencido pela luz, alguns milhares de anos antes. Nessa derrota ele

perdeu seu poder, e perdeu o anel. Este permaneceu durante muito tempo oculto, inativo. Finalmente ele reapareceu entre os hobbits. Mas, agora que a vida na Terra Média aproxima-se do fim de um período de desenvolvimento, Sauron quer reunir novamente suas forças. Ele se torna cada dia mais poderoso, o que reaviva ao mesmo tempo o poder do anel. Sauron conseguiu conquistar os nove anéis dos homens. Os portadores desses anéis eram poderosos monarcas que agora foram reduzidos à condição de escravos quase subumanos, submetidos a Sauron. Fantasmas em seu reino de sombras. Sauron também rompeu o poder dos sete senhores anões e tomou posse de seus anéis. Somente os três anéis dos elfos ainda estão fora de seu alcance.

O Senhor do Escuro também tem em suas fileiras um grande número de elfos que degeneraram até tornarem-se orcs monstruosos, soldados a soldo de Sauron. Para retomar toda a sua força e seu poder, Sauron deve se apossar do último anel; por isso ele

fica totalmente concentrado nessa finalidade.

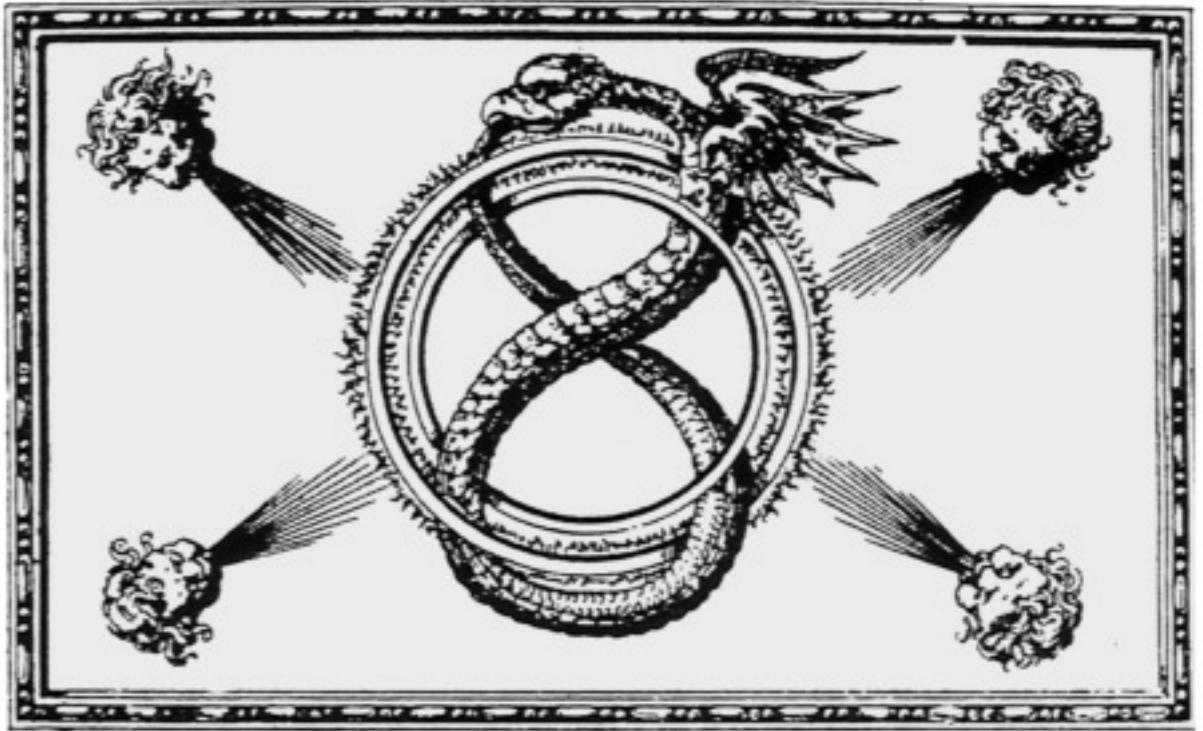
Por força das circunstâncias, Frodo, um hobbit, encontra-se de posse do anel tão avidamente cobiçado. Os poderes das trevas o perseguem assim que ele inicia, com seus oito companheiros, a perigosa viagem pelas ravinas da Montanha da Perdição, no país de Mordor. Lá, ele deve jogar o anel no fogo de onde proveio, pois é o único meio de aniquilar para sempre o poder das Trevas.

UMA COMPILAÇÃO DE ACONTECIMENTOS SECULARES

Apoiando-se num grande conhecimento de mitos e lendas, o autor J.R.R. Tolkien escreveu uma história cheia de símbolos eloqüentes, e o diretor Peter Jackson foi inspirado para transmiti-los em níveis profundos por trás dos maravilhosos acontecimentos do filme, das escaladas, batalhas e monstros. Talvez seja esse o motivo por que tanta gente se apaixonou e por que essa compilação de acontecimentos seculares comoveu tantos leitores e espectadores. É como se eles olhassem para trás, para uma época na qual tomaram parte, inconscientemente; como se lhes mostrassem alguma coisa que se relacionasse com seu passado microcômico, ainda presente neles como uma imagem adorada.

O espectador entra na sala do cinema. Após a publicidade e os trailers, ele mergulha, durante três horas, na história da Terra Média. Como os atores, ele entra na pele dos personagens, e assim vivencia como que uma parte de seu próprio passado. Ele sofre e luta, com Frodo e seus amigos, no caminho que conduz ao turbilhão da Montanha da Perdição, no sombrio

As versões divergem um pouco, de acordo com as diferentes línguas. O texto inglês original diz: «os Reis Elfos sob o céu». É traduzido para o alemão por: «os Reis Elfos elevados na Luz», e em holandês optaram por «Os Reis Elfos sobre a terra». No Silmarillion, Tolkien escreveu que os elfos foram criados primeiro; os homens pertencem à segunda onda de vida. Os elfos e os homens habitam a Terra Média, mas os elfos já viviam nela quando ela ainda era um sombrio domínio. Sob a condução de Valar, um espírito de luz, muitos elfos foram para o reino de luz. Alguns ficaram para trás e em seguida, quando o mal foi ativado, foram para a Terra Média combatê-lo. O mal cegou alguns, mas outros se mantiveram fiéis à Luz.



país de Mordor, para auxiliá-los a destruir o anel do mal.

Entre os nove companheiros chamados para realizar com êxito essa tarefa há um elfo, um mago, um anão, dois homens e quatro hobbits. Cada qual exerce um papel importante nessa pequena comitiva, mas três dentre eles têm uma missão excepcional: o mago Gandalf, o homem Aragorn e o hobbit Frodo, portador do anel. Gandalf é imortal como os elfos, superior aos homens. Mas, no momento, sua sorte está estreitamente ligada à dos mortais, sem que sua sabedoria e sua magia sejam submissas às limitações da vida sobre a Terra Média. Por esse motivo, ele pode combater o mal que se manifesta de forma visível ou invisível. No início, Tolkien denomina o mago de «Gandalf, o cinzento». Ele deve suportar uma série de provas para tornar-se «Gandalf, o branco». Sua nova condição lhe permitirá deixar, com os elfos, a Terra Média, quando esse campo de evolução chegar à expiração. Gandalf terá, então, realizado sua missão.

ESSES SERES EXISTIRAM?

No espectador desperta uma certa suspeita de que se trata aqui de uma realidade ainda invisível. O homem mortal deste século perdeu-se na matéria e a sabedoria secular concernente a todas as ondas de vida que acompanham a humanidade lhe é quase desconhecida. Ela lhe transmite, no máximo, fragmentos confusos, mas ele não conhece o final da história. Esses seres viveram realmente? Existem ainda hoje, e trabalham ainda com a Luz, com a finalidade de retirar a humanidade de seu caminho de morte?

A princípio, não se conhece a origem de Aragorn. Os homens e os hobbits o denominaram Passolargo, o vagabundo. Mas, no grupo que deve resolver o mistério do anel, descobre-se, aos poucos, que ele foi rei. Ele desce dos reis da Terra Média que, outrora, foram depostos de seu trono por Sauron. Em seu combate com as trevas, a espada de seu poder foi que-

«Da mesma forma que o Um era no princípio, assim também tudo volta ao Um e retorna à Unidade.» Sinésio, alquimista grego, séc.IV, extraído de *Principio Fabrice della Allusion*, séc.XVII.



brada, e assim eles também foram subjugados. Aragorn carrega o peso dessa herança e se entrega inteiramente a serviço do portador do anel, a fim de restaurar seu desventurado reino.

A figura do homem real remete ao homem original; sua verdadeira natureza encontra-se no mais profundo do seu ser e, ao mesmo tempo, ela o perturba. Por um lado ele está ligado às trevas, sua natureza da Terra Média, e por outro lado, ele reconhece a Luz e se esforça para servi-la e assim reconquistar sua realeza.

ELE NÃO CONHECE O CAMINHO, MAS CONFIA NOS SEUS AMIGOS.

É fácil nos identificarmos com Frodo e os outros hobbits, pois são muito naturais, adoram comer e beber bem, festejar e divertir-se. Eles vivem nos buracos aconchegantes do belo Condado. Melhor dizendo, eles preferem nada saber sobre o mundo que os rodeia. Mas alguns possuem uma alma

aventureira. Frodo e os três hobbits deixam sua pátria. Eles são tão pequenos que nunca tiveram um papel especial na Terra Média. Mas é justamente devido a essa independência que estão aptos para chegar ao fim do mistério do anel.

Frodo está de posse do anel há pouco tempo, quando Gandalf lhe relata o poder e o significado dessa jóia. Mesmo sentindo-se muito pequeno e muito frágil para uma tão pesada tarefa, ele se prepara para empreender a perigosa viagem para as ravinas da Montanha da Perdição. Ele não conhece o caminho, mas confia nos companheiros. Mesmo nos momentos de dúvida, ele sabe, interiormente, que tudo está certo e que deve perseverar para conseguir destruir o anel. Portanto, não se trata de um caminho que alguém escolha por ser particularmente romântico, excitante ou glorioso. Esse caminho que conduz ao aniquilamento do poder cíclico do anel do mal provém de uma vocação interior.

O papel de Frodo coloca em evidência a ligação que existe entre todas as criaturas do universo. Grandes ou pequenas, fortes ou fracas, elas estão ligadas entre si, em unidade. Elas provêm da unidade divina e se manifestam em miríades de entidades de infinita diversidade. Cada criatura, por menor que seja, onde quer que se encontre, é uma engrenagem no mecanismo universal. Por esse motivo, o menor de seus atos é importante para o todo; elas influenciam o conjunto.

Na comitiva dos nove, com Gandalf, Aragorn e os outros, Frodo é o único que pode carregar o anel. Ele não possui muita força e nem luta para ter poder, sabedoria ou riquezas. Mas ele é corajoso e suficientemente inteligente para compreender a tarefa da qual está incumbido e pôr-se a caminho. Contudo, acontece-lhe de exprimir, no coração da montanha de Mor-

A eterna luta entre ligação e dissolução. *Viridarium chymicum*, Stolckenberg, Frankfurt, 1624.

dor, suas dúvidas: *Gostaria que isto nunca tivesse acontecido*. E as palavras de Gandalf ressoam em seus ouvidos: *Cabe a cada um decidir o que fazer com o tempo que lhe é concedido*.

As luzes da sala são acesas. O filme terminou. O espectador está saturado de batalhas da Terra Média e retorna a sua própria realidade cotidiana. Mas em sua miséria interior, algo ainda vibra por um tempo. Será que ele realmente comprovou sua ligação com todas as formas de vida e seu próprio lugar nisso tudo? Ele se lembra de algo a esse respeito? Talvez ocorra com ele o mesmo que aconteceu com Frodo em seu desespero. *Devo decidir o que fazer com o tempo que me é concedido*.

Tolkien, J.R.R., *A Sociedade do Anel*, São Paulo, Martins Fontes, 2001

Carpenter, H., *J.R.R. Tolkien – uma biografia*, São Paulo, Martins Fontes, 2002

O autor J.R.R. Tolkien nasceu em 1892, em Bloemfontein, na África do Sul. Estudou inglês e literatura inglesa na universidade de Oxford. Durante a Primeira Guerra Mundial ele foi ferido no front francês e levado ao hospital militar. Foi lá que escreveu os primeiros fragmentos de *Silmarillion*. Em 1924, foi professor de língua e literatura inglesa e, um ano mais tarde, obteve uma cadeira em *Angelsaksich*.

Em seu livro «J.R.R. Tolkien, uma Biografia», Humphrey Carpenter escreve:

Era 19 de setembro de 1931. Após um almoço coletivo no Magdalen College, três homens vão dar um passeio na margem do rio. Eram eles: Tolkien, filólogo e professor em Angelsaksich, C.S. Lewis, professor e futuro escritor de literatura infantil, e Hugo Dyson, conferencista de letras inglesas. Eles falam sobre os mitos na literatura e de seu grau de veracidade. Lewis afirma que os mitos são mentiras. Tolkien replica: «Não, não são mentiras». Mostrando as árvores, ele diz: «Denominamos uma árvore de árvore, sem refletir a respeito. Mas não há árvore enquanto ninguém pronunciar essa palavra. Denominamos estrela uma estrela, e dizemos que é uma bola de matéria que segue uma trajetória matematicamente definida. Mas é somente o que vemos. Dando um nome às coisas e descrevendo-as, exprimimos o que percebemos. E, assim como uma língua é um sistema de conceituação dos objetos e das idéias, o mito é um sistema de conceituação da verdade».

Tolkien prossegue: «Nós procedemos de Deus, mas é inevitável que os mitos, que nós mesmos criamos, comportem erros, pois eles nada mais são do que fragmentos refletindo a verdadeira luz, a eterna verdade que é de Deus. Ao inventar um mito, ao tornar-se “subcriador” por inventar um conto, o homem pode se esforçar pelo estado de perfeição que ele conhecia antes da queda. Talvez nossos mitos desencaminhem, mas eles nos orientam para o porto correto, por mais tortuoso que seja o caminho que conduz a ele. A ‘porta de entrada’ da matéria, ao contrário, só conduz a um perigo medonho, à coroa de ferro das forças do mal».

RASTROS NA AREIA

É maré baixa. O mar se recolheu e a praia está imensa. Há bastante espaço para passear. Na areia molhada delineiam-se rastros, pegadas de pessoas adultas, rastros de crianças traquinas, pegadas de cães agitados. Todos vieram à praia para espairecer, para respirar a magnífica atmosfera excitante da água salgada. Um paraíso onde crianças e cães podem se esbaldar sem impedimentos. E, para corredores velozes e caminantes pensativos, é uma excelente oportunidade para abastecer-se de novas energias.

Na realidade, ninguém tem um objetivo. Todos eles estão à procura de um pouco de espaço e sossego. É como se o mar, a *mater*, tomasse para si todas as preocupações de seus filhos. Todos vieram para esfriar suas cabeças e afastar as preocupações de seus corações. E logo que a maré volta a subir, os rastros são apagados de novo. Os que foram passear voltam para suas casas um tanto cansados do ar fresco, do mar e do vento. Mas a sensação de liberdade ainda permanece por algum tempo. Talvez, caminhando ou brincando, tenham encontrado novas soluções para problemas e questões torturantes. De algum modo sentem-se livres da pressão da vida diária.

MUITOS ESTÃO SOBRECARRREGADOS

Depois de um breve momento de liberdade, o cotidiano recomeça com suas questões, graves ou não, seus problemas muitas vezes insolúveis, irritantes e cansativos, que sempre desem-

bocam em novos problemas e aborrecimentos. Apesar de todos os recursos modernos que devem facilitar a vida, como promete a propaganda, muitos se sentem sobrecarregados. Eles estão tão voltados para as preocupações do dia a dia que acabam por ficar «com a cabeça cheia» e procuram por descontração outra vez. Estar com a cabeça cheia significa que ela ficou muito pesada e o equilíbrio foi perturbado, de modo que se cria uma situação insustentável. É como se cambaleássemos e os pés não mais encontrassem segurança. É como se andássemos pesadamente na areia fofa, como se nos arrastássemos através de um deserto sem fim.

A perspectiva de um estuendo fim



de semana na praia dá um certo alívio. Espairar – quem não desejaria isso? Mas, essa alternância entre uma pausa de tranquilidade e a corrida pela luta diária... seria isso realmente o objetivo da vida?

De súbito surge a pergunta: *Afinal, isso tem de continuar sempre assim?* E respondemos, então: *Mas tenho de ganhar dinheiro para cuidar de minha família, fazer carreira, terminar de pagar o carro novo, a casa, o barco.* Não seriam todas essas preocupações diárias, grandes ou pequenas, como pegadas na areia que são sempre novamente apagadas pelo tempo? Onde nos leva essa trajetória? Para onde nos conduzem nossos passos?

«FILHO DO HOMEM, PÕE-TE EM PÉ...»

Pés muitas vezes simbolizam o fato de alguém trilhar um caminho, aplainado ou não, um caminho que alguém segue tendo ou não consciência das possibilidades que se lhe apresentam. Não obstante os pés desempenharem um papel tão grande na vida, não recebem a atenção que merecem. Eles carregam o homem, literal ou simbolicamente, como serviçais inferiores, pela vida inteira. A consciência decide que passos devem ser dados, qual a direção a tomar. As passadas do momento atual influenciam todos os



Os rastros se apagam. Foto Pentagrama.

passos vindouros, determinando seu tamanho e direção.

Em Ezequiel 2:1 é dito: *Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo.* Aqui é o Espírito de Deus que fala ao homem. O Espírito, o princípio fundamental no próprio homem, chama-o num momento decisivo de sua vida exortando-o a ouvir. Quando é dito: *Filho do Homem, põe-te em pé*, isto é uma advertência para que o homem escolha uma base firme para sua vida. Por um lado é uma recomendação e, por outro, uma necessidade inevitável. Põe-te em pé, crê em teu ser mais interior e dirige conscientemente teus passos para o alvo que está à tua frente, diz o Espírito. Do contrário, eu não posso chegar a ti. E, mais adiante, no versículo 2: *...quando falava assim comigo, fui revigorado e pus-me em pé.*

Quando alguém confia no princípio central de seu ser, o caminho que deve seguir conscientemente lhe é descerrado. *Filho do homem, abre-te e desce para o vale; ali Eu quero falar-te. E eu abri-me e fui para o vale e, veja, ali estava a própria glória do Senhor... e eu caí com o rosto em terra. Então fui revigorado e pus-me em pé.* (Ezequiel 3: 22-23).

Descer ao vale faz alusão à interiorização, ao exame da consciência. Também adverte para a humildade que é o resultado da compreensão interior da origem divina de todas as coisas. Os pés encontram o caminho que, desde o princípio, está colocado no homem, latente no princípio divino fundamental. Este princípio, este átomo original, contém o cerne da faculdade do pensamento renovada, da vida eterna e da energia que tudo comanda, que chega ao homem a partir do campo de vida primordial. Assim, o homem está em terra firme.

AFUNDAR NA AREIA DO DESERTO

CRIADO POR ELE MESMO

Andar e estar de pé simbolizam o avançar e a firmeza. Os pés andam pela terra deixando um registro que não pode mais ser apagado pelo tempo. É o registro deixado pelo homem que re-encontra sua verdadeira essência na força crística universal. Ao reconhecer e seguir esse caminho, ele doa a força vital renovadora liberada nele para libertar a si mesmo, aos outros e a toda a criação manifestada. Essa influência é recíproca e indica a co-responsabilidade do homem por tudo o que se acha na terra, tanto em cima como embaixo.

Os caminhos que o homem percorre, por hábito ou por ignorância, nem sempre são edificantes e proveitosos para o planeta. Muitas vezes seus pés afundam na areia do deserto que ele criou para si mesmo. Porém, quando mortalmente extenuado consegue tirar os pés da areia, pondo-os em terra firme, ele pode aprender o que realmente é verdade. Então aprende enquanto «dança» sobre a terra, a elevá-la para seu verdadeiro destino. De cabeça descoberta, de coração aberto e pés descalços, possa ele ir, então, ao encontro do sol e voltar ao mundo divino que para ele se abriu.

APRESENTAÇÕES COM PLAYBACK, A GRANDE IMITAÇÃO

É inacreditável como certas pessoas têm dons de imitação. Não é uma crítica, pois, desde criança, aprende-se a viver imitando os adultos. Um bom exemplo resulta em felizes conseqüências; um mau exemplo, em conseqüências deploráveis. Quando observamos um espetáculo infantil com playback ficamos espantados com a qualidade das imitações. Mas não há porque se alegrar com essas apresentações, pois geralmente são contrárias a toda forma de respeito pelas crianças, que são disfarçadas de gente grande para fins comerciais. Vestidas e maquiladas, elas têm o ar de criaturas vaidosas e vazias que divertem o público. As crianças prestam-se de boa vontade a esse papel. Elas têm uma faculdade de imitar quase ilimitada, que parece realidade. E às vezes é difícil diferenciar a cópia do modelo.

O homem possui a imitação no sangue: isso se verifica em todos os setores. Todos se referem a uma personalidade conhecida, de quem admiram as atitudes, a forma de ser, de se apresentar, o carisma, e a quem escolhem para imitar.

O mais engraçado, se assim podemos dizer, é que o homem é capaz de imitar impecavelmente os traços exteriores de seu ídolo, deixando de lado suas próprias disposições interiores e suas motivações. Mas quem é o ser escondido por detrás do disfarce? O que tem ele para nos dizer?

Suponhamos que a personalidade em questão tenha alcançado um alto nível espiritual, que ela preconize e siga o caminho do desapego dos valores materiais, em total entrega a Cristo

e ao desejo de segui-lo. Esse ídolo, se assim podemos dizer, deseja que seu exemplo seja seguido, sobretudo interiormente. Ele não espera que copiem suas atitudes e a forma de vestir-se, mas espera incitar seus imitadores ao desapego e à evolução, baseando-se na fonte interior que ele sabe estar presente em cada um: ele os induz ao autoconhecimento e ao auto-reconhecimento, ao *Homem, conhece-te a ti mesmo*.

PRENDER-SE A UMA IGUALDADE APARENTE

Ele lhes mostrará o perigo da imitação. Porque somente copiar não é o suficiente e conduz facilmente à ilusão de estar no mesmo nível de seu modelo. O imitador tem a impressão de ser encantador e simpático. Mas, quando não existe uma base sólida no interior do ser, ele se deixa facilmente fascinar pelo exterior... e, com isso, fica preso.

Não que isso seja essencialmente mau. Frequentemente há boas intenções. Mas a consciência ainda não está desperta e o ser profundo ainda não está harmonizado com o verdadeiro ser. O núcleo espiritual se recolhe quando a imitação do espiritual fica em vantagem. E não há saída para um aprendizado vivido na aparência de meias verdades baseadas em dogmas.

Onde encontrar ainda espaço em si mesmo para acolher uma grande inspiração? Onde ocorrerá a circulação de energia – pois é preciso que haja uma efusão contínua, sem nenhuma cristalização – que porá fim à imitação do passado e criará um novo homem com a consciência aberta e receptiva,



dotada de novos poderes? Um homem que ouse viver, livre do sufocante «faça isto; pare de fazer aquilo»?

A IMITAÇÃO CONDUZ À FELICIDADE?

Aquele que respeita profundamente os «grandes em espírito» e que deseja segui-los, não pode honrá-los melhor do que se tornando «vazio» a fim de ser preenchido pelo conhecimento vivente autêntico. Eis aí o caminho que é mostrado para a humanidade: um caminho destituído de todo culto pessoal, um caminho livre de qualquer dogma, um caminho no tempo onde a vida eterna se derrama. O vaso é precioso, com a condição de que esteja vazio.

É preciso muita coragem para abandonar antigas convicções. Muita coragem! É preciso muita coragem para parar de imitar e voltar-se inteiramente ao ser verdadeiro. Para aprender a ouvir a voz suave e clara que indica, em cada um, um caminho completamente novo. Os sinais exteriores não serão mais formas vazias, mas procederão da inspiração interior.

O real e a imitação se encontram próximos um do outro. E, no entanto, um mundo de diferenças os separa. Aquele que segue a realidade interior está sempre sobre o fio na navalha. Mas o ser humano tem a imitação no sangue e isso pode se tornar grave sem que ele o perceba. Assim, podemos acreditar que estamos no bom caminho e não percebermos que se vive

numa pura imitação. Algumas vezes trata-se de uma mistura de apego a antigas e preciosas lembranças, a um passado que perdeu sua força, e da incapacidade de sentir que cada articulação do tempo traz novas possibilidades e, portanto, solicita abordagens diferentes.

É essencial que se faça distinção entre a finalidade dos impulsos espirituais e a finalidade dos impulsos materiais. Não é fácil sobrepujar a secular identificação com o lado aparente da vida. Contudo, a ruptura com o velho requer toda a atenção daquele que não quer se enredar na ilusão e na imitação. Um homem no caminho, que busca o «caminho verdadeiro», se perguntará a todo instante qual é sua motivação. Por que ele deseja retornar à Fonte da vida? Em que parte do percurso ele se encontra? A personalidade, freqüentemente, é um bom instrumento, um servidor devotado, mas é preciso sacrificar esse brilhante aliado para poder passar o comando à Alma vivente. Denominamos essa etapa o «ponto no meio do caminho», o ponto crítico, quando o inferior se submete ao princípio superior, quando a luz da personalidade se apaga ante a Aurora da Alma nascente. Quando um homem dá os passos necessários e avança, a Alma entra em ressonância com a vibração universal. O desaparecimento total do eu pessoal é a condição imperativa. Tal é o sentido das palavras de João Batista:

Ele deve crescer e eu devo diminuir (João 3:30).

O que acontece com aquele que ofereceu sua personalidade à nova Al-

ma imortal? Doravante, conduzido pela Alma, ele experimenta o poder do Amor e do Serviço no trabalho simples e universal de sua vida. Ele não sentirá nenhuma vontade de imitar a Vida, pois como a Alma o poderia? Ela é o que É! Esse homem dissipa toda ilusão e toda imitação e semeia nos corações dos buscadores a compreensão e a esperança.

Apresentação com
playback, Valetta,
Malta. Foto
Pentagrama.

NO CAMPO DA HESITAÇÃO

Certamente não exageramos quando dizemos que, na época em que vivemos, o caos vem crescendo paulatinamente, mas, ao mesmo tempo, vem crescendo uma luz clara, penetrante, e muitas vezes deslumbrante.

O caos pode ser constatado quando olhamos para os campos de batalha, relativamente grandes, que se espalham pelo mundo todo; já a luz universal se manifesta nas cabeças e corações daqueles que aprendem a se desligar das forças opostas. O caos traduz o desmoronamento dos edifícios carcomidos da ilusão e das quimeras; a luz que brilha através de tudo mostra cada vez mais claramente ao pesquisador da verdade qual direção seguir para poder integrar-se no novo desenvolvimento do plano de Deus.

Vivemos numa época grotesca. A angústia atinge o coração dos homens quando eles pensam no fato de que todos podem ser mortos pelo arsenal das armas, que ainda existe apesar das negociações e acordos realizados sobre o desarmamento. Mas se realmente desejarem, verão que são capazes de vencer sua angústia e constatarão que a fragilidade da vida é relativa, libertando-se então da morte. O que é a morte a não ser o abandono de uma casa declarada inabitável?

Visto sob esse ângulo, a crescente violência e o horror do aniquilamento não mais atingem aqueles que aprenderam o caminho da libertação; e eles devem segui-lo. Já não é mais tempo de filosofar a respeito das civilizações tidas como maravilhosas,

mas que se desmoronam diante de nossos olhos. Não é mais tempo de nos dourarmos sob o sol da mística, pois a energia mal empregada acabará por nos destruir. Não é mais tempo de discutir sobre soluções mais ou menos engenhosas. Porque, em sua maior parte, essas palavras são ocas, e numerosas ações trazem em si o germe da destruição e da morte. E principalmente porque os pensamentos poluem nosso meio. Provavelmente sejam estas as piores poluições.

Cada um de nós é confrontado com o caos. Ele está na nossa porta, até mesmo não muito longe de nossos leitos, nesses países recomendados por brilhantes anúncios de viagens. Sim, ele se introduz em nossa própria casa e aí devora todos os valores que possuímos. Aqueles que estão diariamente em contato com as crianças reconhecerão que elas não se parecem nada com as dos «bons velhos tempos». Os adolescentes de hoje são jogados de um lado para outro como bolas de pingue-pongue. Eles vivenciam isso de maneira muito concreta! E, muitas vezes, exprimem-no com surpreendente precisão. Eles se encontram bem no centro do caos de nosso tempo. São o alvo direto das forças que se desencadeiam quando os valores antigos se dissolvem e os antigos campos magnéticos desmoronam, porque eles não têm nenhuma proteção contra essa violência; mas a percebem, a experimentam, e falam a seu respeito, muitas vezes usando expressões de uma espantosa clareza. Eles tremem sob as ondas de emoção que os atingem.



A NATUREZA DIALÉTICA NÃO ESTÁ POR DETRÁS DA PORTA

Nossa época é de tirar o fôlego. Um dilúvio de calamidades se derrama sobre a humanidade e quem não está solidamente enraizado nas normas do novo tempo é varrido. O caos se faz sentir, contudo a luz que penetra clareia os corações sofredores e os consola. Trata-se da gigantesca luta entre a luz e as trevas, da fuga desvairada das trevas diante da luz que se levanta.

Alguns alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea falam da natureza dialética como se ela fosse um mundo pestilento que começa por detrás da sua porta. Não existe engano maior. Cada um, com todas as suas células, faz parte da natureza dialética. Isto significa que essa manifestação está

ligada à roda que faz tudo *subir, brilhar e descer*, e isso em sua própria casa, no trabalho diário, nas coisas das quais alguns alunos dizem: *Isso, eu não faço mais*. Em cada aluno, desde o principiante até o mais avançado, subsistem muitos resquícios da natureza dialética para fazê-los refletir seriamente. Alguém disse uma vez: *Pensar é reordenar preconceitos*. Essa atividade cerebral humana, o pensamento, não libera novos pontos de vista. O aumento da desordem e a análise dos panos de fundo não tornam ninguém particularmente otimista.

Mas existe uma outra forma de pensamento que merece atenção. Partamos do princípio de que existe um plano divino que abrange nosso mundo e todas as suas correntes de vida. E que esse plano tenha chegado a um ponto de desenvolvimento onde um

O espírito e a alma perdem o corpo antigo (o corvo). Ao retornar, eles formam uma tri-idade. *Vidiarium chymicum*, D.Stolcius van Stolckenberg, Frankfurt, 1624.



grande número de almas pode ser retirado do estado de queda. Não seria ingenuidade pensar que uns míseros cinco ou seis bilhões de seres humanos que povoam o globo terrestre pudessem, com seu poder, seu dinheiro e sua técnica, impedir a execução desse Plano? Derrubar todos os obstáculos que os homens criaram, individual e coletivamente, só requereria um pouco de cuidado; a resistência provocaria catástrofes. Mas tudo já está cedendo! E os entraves ao plano divino são rompidos, algumas vezes brandamente e, outras vezes, com rigor.

«DESEJAMOS ANTES VER MAIS UM
POUCO...»

A desordem que assim se manifesta resulta do fato de não se querer acompanhar o desenvolvimento do plano divino, da recusa, da oposição à Luz que procura salvar os homens elevando suas vidas a um plano superior. A Luz os coloca diante da necessidade de executar a tarefa fundamental de suas vidas, que é a de se elevar nela e com ela, ou de perder-se na obscuridade. Nós ouvimos, um dia, jovens que, confrontados com esse caminho declararam: *Procuramos esse caminho, mas agora que o encontramos... Não, nós não esperávamos por isso. Nós queremos primeiro observar mais um pouco.* Aqueles que assim falam fecham uma porta atrás de si; e quem sabe quanto tempo será preciso para que obtenham uma nova oportunidade. Portanto, o caos aumenta. A incerteza impera, pois ninguém se encontra su-

ficientemente desperto e as consciências limitadas impedem que se veja claramente a situação. Compreendemos bem, não queremos generalizar. Aquele que não fechou a porta e caminha pela senda da libertação interior não necessita de encorajamento. Porém, aquele que crê seguir esse caminho, mas somente sonha com suas supostas capacidades de realização, assemelha-se ao que aguarda que as portas do céu se abram, mas que só desperta com o barulho delas se fechando. Aquele que ainda hesita é, contudo, o nosso próximo na aflição! Para ele são dirigidas nossas incitações para que desperte e medite nas palavras da antiga sabedoria popular: *No campo da hesitação estão enterrados os ossos de milhões daqueles que, no caminho para a vitória, sentaram-se para descansar e... nesse momento morreram.*

A FORÇA INTERIOR NECESSÁRIA
PARA CONTINUAR

Na vida de cada um chega o momento no qual o verdadeiro caminho da libertação é reconhecido. Mas surgem também as forças da oposição; e é possível comprovar, então, se a fé é suficientemente grande, se o caminho do Cristo no homem deu seus frutos, e se ele venceu a angústia e repeliu a hesitação. Veremos se o chamado da Gnosis ressoou, se a vitória se aproxima e se a força interior é suficientemente grande para que ele persevere. Porque o caminho da libertação interior requer uma fidelidade a toda prova, através do caos e das misérias. E



aquele que senta para descansar pode ser tomado por um sono que entorpece a vigilância de sua consciência e apaga nele a luz nascente.

Mas quem atravessar o campo da hesitação com perseverança, baseando-se numa fé profunda, não se embalará mais numa falsa tranquilidade, suscetível de causar a morte da luz em si. Esse pesquisador da verdade única, que quer conquistar o céu, despertado a tempo no caminho da libertação, receberá a força, a compreensão e o amor que o conduzirão através do caos até a luz eterna que abre, então, um caminho em sua consciência e a modifica totalmente.

Fazemos parte desses conquistadores do céu? Se trabalhais até tarde da noite e de cansaço caís no sono, no dia seguinte talvez não vos sintais dispostos a retomar vosso caminho. Vossas pálpebras parecerão de chumbo, vosso corpo não reagirá aos apelos da vontade, e uma agradável lassidão se apossará de vossos membros. Vosso despertador tocará em vão, e vossa noção do dever se dissipará no esquecimento. Então, despertareis violentamente, mas muito tarde! O momento a ser agarrado terá passado!

FECHAMENTO DAS PORTAS DO CÉU COM GRANDE ESTRONDO

E isso pode acontecer. Esse homem que durante sua vida foi apreciado por todos, devido às suas ações, aparece diante da porta do céu. Só há uma única fraqueza que ele ainda não venceu.

Sua atenção e sua vigilância enfraqueceram-se quando o sono se apoderou dele. Sentado diante da porta do céu, ele ouve uma voz que diz: *Eu só abro uma vez a cada cem anos*. E ele espera... e espera. Mas sua atenção se enfraquece por somente alguns instantes, como lhe parece. Fecha os olhos para descansar... e o grande estrondo das portas do céu que se fecham o faz acordar em sobressalto.

Estamos bem acordados? Arrancamo-nos ao sono do esquecimento? Reunimos força e coragem para prosseguir na compreensão adquirida, para atravessar as decepções, as oposições, o caos e a hesitação? Sentimos como uma benção o fato de sermos arrancados diariamente dos hábitos cotidianos que nos entorpecem? Ou fechamos os olhos e damos as costas à luta das trevas e da Luz? Nosso ser interior conhece essa luta? Não o combate contra os outros, com aqueles que discordam de nossas idéias, mas contra os defeitos de nosso próprio microcosmo? E nossa fé, terá ela sido suficientemente provada para poder atravessar as portas sem hesitação?

Quem atravessa o campo da hesitação deve dispor de uma fé firme e inabalável. Deve ousar perseverar através de todos os obstáculos. A alma do viajante da eternidade deve permanecer em Cristo. E ela aí permanecerá se ele não adormecer e velar com Cristo que, em nós, vence a morte.

«O QUE EMBELEZA O DESERTO, DIZ O PEQUENO PRÍNCIPE, É QUE ELE ESCONDE UM POÇO EM ALGUM LUGAR.»

(O Pequeno Príncipe, Antoine de Saint-Exupéry)

Mesmo ignorando todas as dificuldades de uma viagem pelo deserto, podemos imaginar que o sol abrasador, o frio intenso da noite, a solidão, as tempestades de areia, as miragens e a uniformidade constituem desafios e provações. Muitos já estremeçam só diante da idéia de um pequeno passeio pelo deserto, e não se deixarão persuadir facilmente a tomar parte nisso. Para estes, a palavra «deserto» significa «pavor».

A frase de Saint-Exupéry, escolhida como título desse artigo, nos dá entretanto alguma esperança. Ela é extraída do *Pequeno Príncipe*, o último livro que ele escreveu antes de ser dado como desaparecido durante a guerra.

O que ele quis dizer com essa observação poética? O deserto esconderia em si alguma outra particularidade? Naturalmente ele tem seus admiradores, pessoas que são fascinadas por suas dunas imponentes e movediças, por seus coloridos fantásticos e imenso silêncio; aventureiros atraídos pelo seu mistério. Um mistério?

Seria o mistério da água e das nascentes subterrâneas? Os oásis não são formados pelo surgimento de fontes e de rios? Mundos minúsculos, extraordinários em riquezas e cores, onde formas de vida em abundância são mantidas por essa água tão preciosa que borbulha na superfície da areia? Poderia haver outras fontes? Fontes ocultas, como disse o pequeno príncipe? O medo e o pavor se dissipam diante da extraordinária beleza das fontes escondidas.



Existe nisso um sentido simbólico? Geralmente, usa-se um símbolo para traduzir o significado espiritual de um processo ou de um fenômeno; para transmitir o conteúdo que se encontra por detrás da imagem. Por exemplo, a palavra *deserto* é símbolo de aridez, de vazio, de nudez ou de desolação, enquanto que a palavra *fonte* é símbolo de vida, de amor, de profusão e de plenitude.

Sob o ponto de vista espiritual, o mundo dos fenômenos é um mundo de pobreza, de esterilidade e de aridez porque o Espírito de Deus está ausente. Ele não mantém nenhuma relação consciente com o Espírito divino. Entretanto, o Espírito irradia sobre o mundo. Ele é, ao mesmo tempo, transcendente e imanente. Isso significa que é possível procurá-lo, encontrá-lo e reconhecê-lo. Quando a ligação com o Espírito se restabelece, o mundo ressequido e desolado pode reviver e manifestar sua beleza original.

Existe em cada ser humano uma fonte secreta. Em geral, ela está encoberta pelos resíduos e escombros da vida comum. É preciso desentulhá-la para que possa novamente fluir com abundância. No deserto da existência, aqueles que deram novamente vida à

O aviador-escritor Antoine de Saint-Exupéry. Selo postal de 1948.

À direita: o deserto é belo porque esconde um poço em algum lugar. Foto Pentagrama.



sua fonte interior podem mitigar a sede de outros seres que, por sua vez, procurarão sua própria fonte. Então, eles se encontram numa nova fase quando começam a elevar-se acima de seu labor cotidiano. Uma nova consciência desperta. E, assim como o homem do deserto que sabe exatamente onde encontrar a água, também eles sabem descobrir o lugar onde escavar para fazer brotar sua fonte de vida espiritual.

No decorrer dessa pesquisa, o homem percebe quão limitada é sua relação com todos os processos vitais da terra e do universo. É como se ele pertencesse a dois mundos. De um lado, ele tem a sua existência terrestre normal; de outro lado, desenvolve-se nele uma vida que se alimenta da fonte secreta, uma vida espiritual que se eleva acima das limitações terrestres.

A personalidade, quando separada de seu núcleo espiritual, assemelha-se a um deserto vazio, seco, estéril. Mas, assim que o princípio espiritual desperta nela, a fonte de vida faz fluir uma água purificadora que dá aos seus dias um significado mais elevado. Assim, a frase misteriosa do pequeno príncipe torna-se clara como a água da rocha e compreendemos-lhe a profundidade. Ele embeleza o deserto porque

este esconde, em algum lugar, uma fonte.

O aviador e escritor Antoine de Saint-Exupéry nasceu em Lyon em 29 de junho de 1900. Ficou conhecido pelas suas obras: Correio do Sul (1928), Vôo na Noite (1931), Terra dos Homens (1939), Piloto de Guerra (1942) e O Pequeno Príncipe (1943). Saint-Exupéry sempre procurou «o ser humano autêntico». Palavras como «fontes no deserto» são dirigidas ao pesquisador solitário, que ele conduz rumo ao futuro que «nasce lentamente». Em O Pequeno Príncipe, ele escreve: «Eu sempre amei o deserto. A gente se senta sobre uma duna de areia. Não se vê nada. Não se ouve nada. E, no entanto, uma coisa irradia silenciosamente. O que embeleza o deserto, diz o pequeno príncipe, é que ele esconde um poço em algum lugar.. Fiquei surpreso por compreender de repente essa misteriosa irradiação da areia. Quando eu era menino, morava numa casa antiga, e conta a lenda que nela havia um tesouro enterrado. É claro, ninguém jamais conseguiu encontrá-lo, e talvez nem mesmo o tenha procurado. Mas ele era o encantamento dessa casa. Minha casa escondia um segredo no fundo do seu coração. «Sim», digo ao pequeno príncipe, «tratando-se da casa, das estrelas ou do deserto, o que lhes dá sua beleza é o invisível!»

O SEGREDO DO VERDADEIRO JARDIM DA VIDA

Nabucodonosor, o rei da Babilônia, passeou realmente com Amytis, sua bem amada, nas alamedas sombreadas, entre as árvores imensas e as fontes copiosas dos lendários jardins suspensos da Babilônia? Esse rei apaixonado construiu realmente esses jardins em terraços, para reconfortar Amytis e lembrar-lhe de seu país natal, já que ela provinha das montanhas de Média e sentia saudade de seu país?

Esses jardins suspensos evocavam, ao mesmo tempo, o domínio da técnica e os sonhos românticos. Ao contrário das outras seis maravilhas da antiguidade clássica, que foram criadas em honra de um soberano reinante, os jardins suspensos foram construídos por um rei para amenizar a saudade que sua amada sentia de seu país. Assim como o mausoléu Taj Mahal, maravilha mais recente, os dois são presentes grandiosos de um rei para homenagear sua esposa.

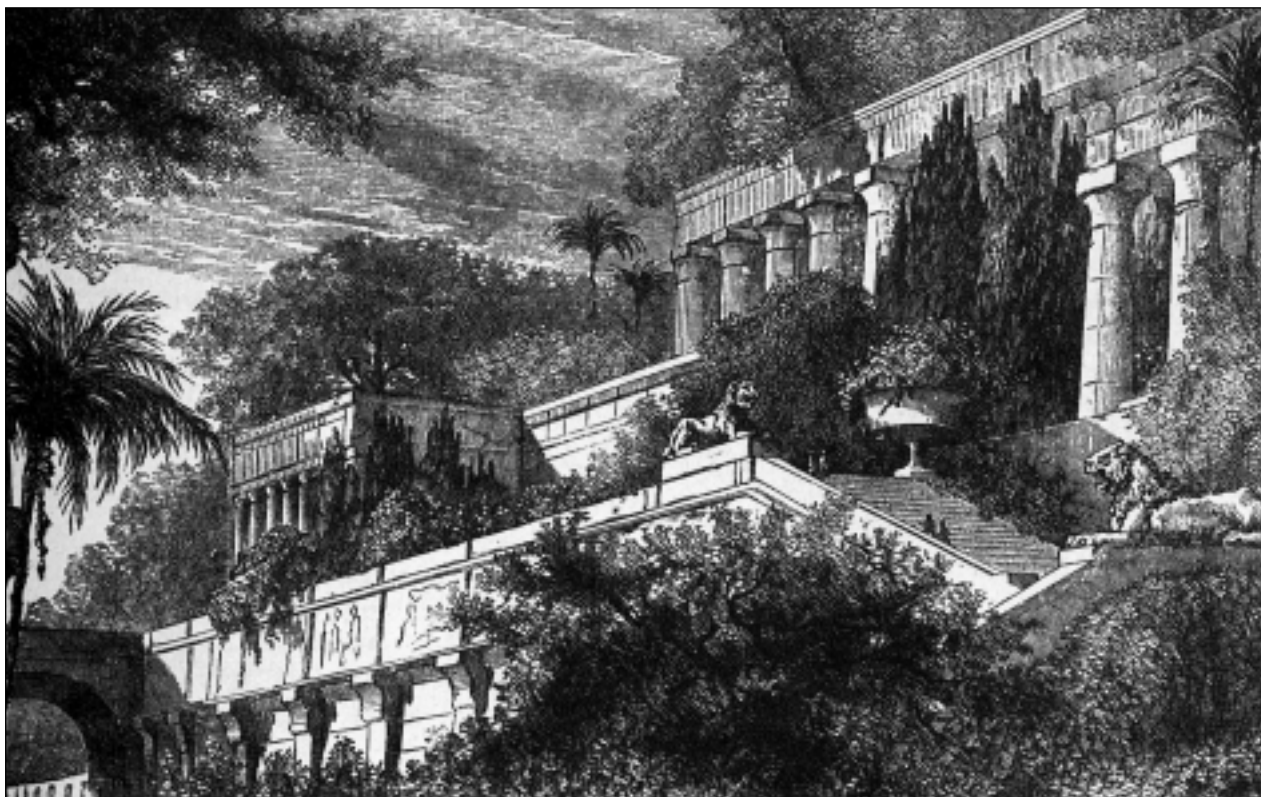
Entre 258 e 253 a.C., o babilônio Berossus tinha uma função importante no templo de Marduk, o maior deus da Babilônia. Ele tinha acesso aos arquivos de Esa Gila, os arquivos desse templo, e escreveu três trabalhos em escritura cuneiforme sobre a história de seu país. Deles só restam alguns fragmentos, sob forma de citações feitas posteriormente pelos romanos. Berossus foi o primeiro a falar sobre Nabucodonosor (605-562 a.C.) e do palácio que este edificou, com fundações de pedra e construído em patamares que se assemelhavam a montanhas, nos quais mandou plantar árvo-

res. Segundo Berossus, essas construções em plataforma eram os jardins suspensos criados para o prazer da rainha.

As opiniões divergem quanto ao lugar exato dessa maravilha. Existem tantas descrições de lugares onde esses jardins teriam sido construídos que os pesquisadores chegam a duvidar de sua existência.

Os jardins suspensos não eram célebres somente por sua arquitetura particular. Cada terraço formava uma espécie de jardim, com plantas especiais, e cada nível era ligado aos outros. Quando a temperatura alcançava 50 graus Celsius, escravos tiravam a água dos poços para transpor-

A propósito da força de Fohat, lemos no livro As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz², no capítulo As seis personagens régias: «Os dois jovens são as figuras principais na grandiosa e nova parte do trabalho, que agora realmente se torna possível: eles têm de ser conduzidos à perfeita realeza! Por isso aparece também Cupido, a radiação de amor do Espírito, que, na sabedoria antiga, é indicada também como Fohat. Com isso, alude-se à nova força eletromagnética de vida, que envolve completamente o candidato em seu novo estado de ser, é onipresente, toca todas as coisas e todos os aspectos, e desarte tudo renova e possibilita».



tá-la para os pequenos canais de irrigação, localizados no terraço mais alto, a fim de que, de lá, ela se derramasse sobre todo o jardim. O contraste entre a cidade, abatida por um calor sufocante, e os jardins de Semiramis¹, cheios de flores, devia ser espetacular. Certamente é por esse motivo que os jardins suspensos tornaram-se uma das sete maravilhas do mundo antigo, depois da Pirâmide de Gisé.

O JARDIM DE FOHAT...?

Cada jardim possui seu segredo, como o amor, sua própria atmosfera, seu próprio domínio. O mistério que envolve o jardim pode ser tão grande e tão palpável, que ele fascina literalmente. Embora controlado e limitado, irradia dele uma impressão de liberda-

de. Fica-se totalmente fascinado por sua beleza e encantamento.

O coração do homem também pode ser considerado como um jardim. Um magnífico jardim para o prazer do ser amado. É o jardim lendário de Fohat, no qual os bem-amados de Deus colhem as rosas. O jardim de Fohat situa-se no limite entre o céu e a terra; é a «ponte de luz» que permite ao pensamento divino descer na matéria. Não existe descrição mais delicada e imagem mais sutil para representar o santuário espiritual do coração. Segundo a *Doutrina Secreta*, os Filhos de Fohat, em suas diversas manifestações, formam o elo entre o Espírito e a matéria. Os ocupantes do jardim mantêm uma ligação com o Amor, o Eros místico dos gregos.

Podemos considerar a força de Fohat como a da eletricidade cósmica, como a própria essência da energia vital original, que mantém e alimenta a

Os jardins suspensos da Babilônia tinham aproximadamente 10.000 metros quadrados e uma altura de 100 metros. Flavius Joseph, por volta de 37-100 d.C., escreveu: Nesse palácio, ele fez construir, para aí passear, caminhos sustentados por colunas de pedra, espécies de paraísos suspensos plantados com toda espécie de árvores, jardins perfeitamente parecidos com uma paisagem de montanha.

iare sult wessen die frucht vnd
sammen die opfil die sie tra-
gen. Ich ewer herre got. Nicht
sult ir essen das vleisch myt
dem blute. Nicht sult ir in vo-
geln czoubern noch in trovne
gelouben. Ir sult nicht schein
leicht ewern schopf besneiden



noch den part bescheren. Nicht
sult ir vbir die toten ewer v-
vleisch zu sneiden noch keiner
wartzenen noch gebranten

centelha do fogo espiritual. É o primeiro amor que o homem perde no decorrer de sua vida: é a força vital universal que, segundo a Gnosis, age nos sete domínios do universo e também no pequeno universo da criação humana, o *minutus mundus*, o microcosmo.

O arqueólogo alemão Robert Koldewey, que no início do século XX desenterrou uma parte da Babilônia, reconstituiu os jardins suspensos sob a forma de uma construção de sete andares. Podemos ver nisso uma metáfora. A dimensão mais elevada representa a «fonte» que alimenta os outros níveis. Acontece o mesmo no macrocosmo: todos os domínios estão ligados ao Alento original; todos os níveis são alimentados pelo sistema interno de irrigação.

O jardim de Fohat só existe para assegurar o intercâmbio entre a Fonte e «aqueles que colhem as rosas». Existe uma interação entre o jardim e a consciência de seus habitantes, os quais devem realizar um intercâmbio vivo e consciente entre sua vida original e sua vida terrestre.

LAVRAR E PODAR SEU JARDIM INTERIOR

Quem ama seu jardim não deve hesitar em tirar dele as ervas daninhas e podar para dar lugar e chance para o crescimento do que deve verdadeiramente nele crescer. Arrancar as ervas daninhas, ou, falando de outro modo, arrancar as plantas indesejáveis, é cortar com machado a raiz das emoções e dos impulsos inferiores negativos, para alcançar uma verdadeira harmonia. Aquele que conhece o amor de Deus, puro e imaculado, tem o coração puro e sabe o que é preciso arrancar e cortar no jardim de seu ser interior.

É graças ao maravilhoso sistema de irrigação que os jardins suspensos da Babilônia tornaram-se uma das

De fato, a lei da conservação da energia e a lei da entropia têm, as duas, uma função, mas em duas naturezas que é preciso contrapor rigorosamente. Nestes últimos séculos, a ciência teve um progresso considerável na Europa; entretanto, pensava-se que nenhuma energia se perdia. Os manuais que tratam das ciências naturais ensinavam isso até recentemente. É verdade que na natureza divina, a natureza original, não há nenhuma perda de energia. É unicamente lá que se aplica a lei da conservação da energia. Mas na natureza que se formou em consequência do extravio dos homens, trata-se verdadeiramente de perda de energia e é preciso aplicar a lei da entropia. Melhor dizendo, a natureza, apesar de possuir uma formidável capacidade de regeneração em períodos muito longos, sofre realmente uma perda, uma dissolução de energia. Constantemente são feitos novos cálculos sobre o tempo de duração da terra, sobre o tempo que o sol ainda irá nos iluminar. Esses cálculos são importantes quanto à criação visível, a criação que corresponde a uma expiração, que deve ser seguida por uma inspiração. Todo esse processo de expirações e inspirações contínuas se estendem por tempos inacreditavelmente longos e ultrapassam todo entendimento humano. Não podemos simplesmente dizer que a natureza é caótica e que não se regenera. Enquanto a consciência humana pensar e viver a partir de seu próprio caos, a natureza parecerá caótica. Mas, assim que a consciência biológica se fundir numa nova consciência, mais elevada, que ultrapasse os limites humanos, ela vivenciará a harmonia divina da criação.

Miniatura extraída da Bíblia de Vaclava, República Tcheca.

maravilhas do mundo. Eles foram tão bem estudados que até mesmo as raízes das mais grossas árvores recebiam água suficiente. Dá-se o mesmo com o sétuplo sistema do homem que é banhado pela água viva do rio de Deus, se ele cuida e mantém seu jardim em bom estado. Então, a alma pura pode crescer nele.

ESPERANÇA NUM SISTEMA AUTO-REGULÁVEL

Dizem que a natureza não se mantém por si mesma. Ela não poderia podar, deixaria crescer as plantas indesejáveis e seria incapaz de estabelecer o equilíbrio entre a ordem e o caos. Mas

DEPOIMENTO DE FÍLON DE BIZÂNCIO

De acordo com a tradição dos antigos reis, os jardins faziam realmente parte da cultura de sua época, e podemos dizer que os jardins suspensos da Babilônia certamente existiram em razão das numerosas descrições felizmente conservadas como as de Berossus, de Josephus, de Deodoro da Sicília no séc. I a.C., e de Filon de Bizâncio, ca. 250 a.C.

A descrição deste último é a geralmente aprovada e diz o seguinte: «Os jardins suspensos foram assim chamados porque a vegetação era plantada acima do nível do solo e as raízes das árvores, em altos terraços, crescem na terra, mas não no chão. Tal é a técnica dessa construção. Esta se apóia em colunas de pedra e, debaixo dos terraços, as bases dos pilares são decoradas com relevos. As colunas sustentam vigas de madeira de palma colocadas umas próximas das outras; esta madeira, ao contrário da outras, não apodrece com a umidade e permanece flexível. Além disso, suas raízes e suas fibras se alimentam de elementos exteriores assimilados pelas nervuras e dobras de sua casca. Essa construção era necessária para suportar a enorme quantidade de terra na qual eram plantadas as flores variadas e as árvores

frondosas como as que vemos frequentemente crescer sobre ruínas. Resumindo, tudo que deleita o olho e propicia alegria. Esses terrenos eram lavrados como um solo normal, embora a terra não fosse tão fácil de revolver e plantar. Quando alguém passeava sob as colunas de pedra, os terrenos lavrados encontravam-se acima dele; e se ele caminhava no nível mais elevado, ele não tocava a construção sustentadora, em pedra, que se encontra justamente abaixo. A água provinda das fontes superiores corria por calhas em declive e voltava a subir com a ajuda de uma azenha. A água era recolhida em numerosos tanques e distribuída por todos os jardins. As profundas raízes das plantas eram, assim, saturadas de água e toda a vegetação era constantemente umedecida. Por essa razão, a relva estava sempre verde e os galhos e folhas cresciam abundante e luxuriosamente. As raízes recebiam água suficiente graças a canos subterrâneos que guardavam o nível de água, o que garantia a qualidade extraordinária das árvores. Era uma obra de arte de um luxo régio e o mais notável era que a construção em terraços se estendia acima da cabeça dos visitantes»³.



será que não vemos isso apenas do ponto de vista do ser humano? Não é justamente a natureza que sem cessar repara os estragos ocasionados pelos homens – em períodos mais ou menos longos? Mas ela certamente não o faz de uma forma que possa ser percebida pelos homens voltados para o aspecto material e econômico das coisas. Estes esperavam encontrar um sistema auto-regulável, que assegurasse uma ordem dinâmica, mas há pouco motivo para ainda ter esperança, pois, como observado pela ciência, na lei da entropia partes da energia de nossa ordem dinâmica estão caindo num estado em que *não* há mais reversão. Portanto, constatamos que no universo

existe cada vez menos a possibilidade do aparecimento de novas formas, uma vez que as assim chamadas mudanças positivas diminuiriam. Mas não seria isso o indício da necessidade de um novo desenvolvimento?

REALIZAR A PRÓPRIA RENOVAÇÃO

O mundo (tal como organizado pelo homem) *é uma selva que não tem fim*, disse o sábio chinês Lao Tsé, há 2500 anos. Todos nós sabemos, intuitivamente, que devemos fazer algo deste mundo. Esperar que a evolução

Local onde provavelmente se encontravam os jardins suspensos da Babilônia.

Jardineiros egípcios. Baixo relevo de Beni-Hassan (Meylaouy), extraído de *Description de l'Égypte*, Paris, 1822, desenho executado durante a expedição de Napoleão ao Egito, 1798-99.

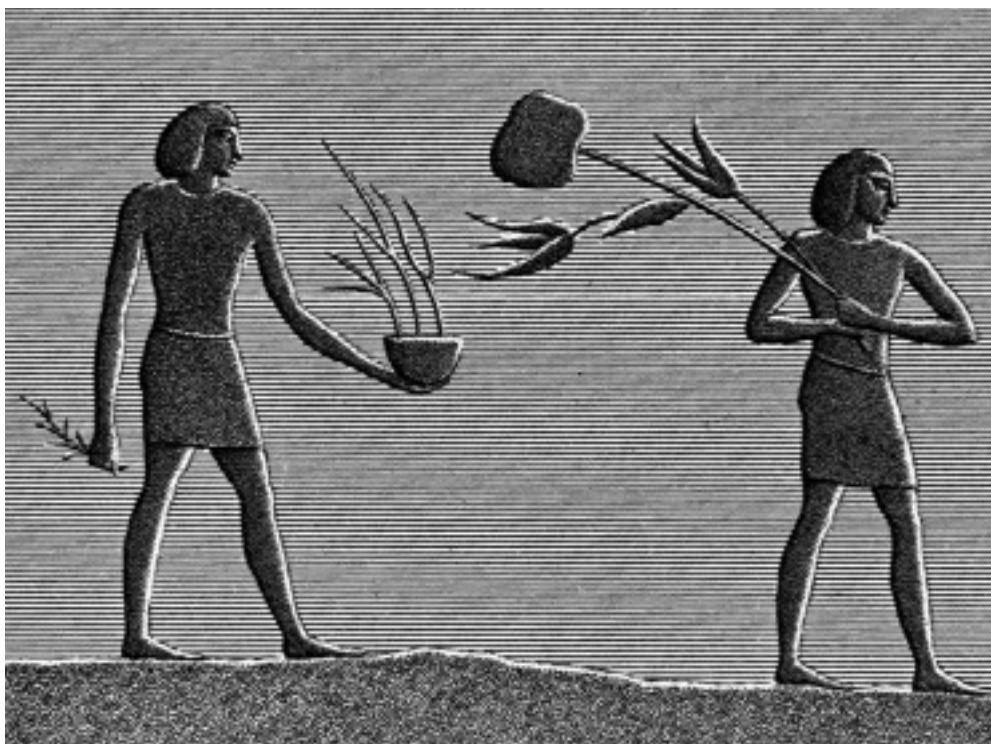
se faça por si mesma, que apareça um novo jardim de Deus, no qual possamos adentrar, não é nem um pouco realista. O grau de evolução, isto é, o grau de desenvolvimento da vida, depende daqueles que para isso contribuem, trabalham conscientemente e constroem. O grande milagre é que essa idéia, bem como o amor por tudo que vive, propiciam os meios para um tal desenvolvimento. O homem pode elaborar sua própria renovação: primeiro interiormente porque, tal como um jardineiro, ele prepara seu coração; em seguida, esse processo repercute para o exterior.

O segredo do jardim da verdadeira vida reside na interação do interior e do exterior. O exterior não deve ser essa «selva» da qual fala Lao Tsé, mas uma estrutura que respeita a lei de

Fohat. Assim, surge uma partilha justa e perfeitamente harmoniosa de todos os elementos: o plano de construção divino forma a base, o amor permite sua realização e a força dá a forma onde o amor pode residir.

RESTABELECIMENTO DA HARMONIA DIVINA

Um tal jardim se realiza com toda liberdade interior e em perfeita ligação com um plano. Assim a harmonia divina se restabelece. Não se trata aqui somente do poder criador e de um plano que é preciso cumprir, mas principalmente da liberdade pessoal que deve servir de base para a liberdade interior, antes de tudo. O mestre



desse jardim é o verdadeiro Ser, livre dos limites do espaço e do tempo. Esse jardim é o canteiro de um livre construtor, de um verdadeiro franco-maçom. A estrutura interior desse jardim, que constitui a alma novamente ordenada, apóia-se sobre a pedra angular Jesus-Cristo, guia da vida fundamental e consciente.

O jardim pode nos dar indicações. A natureza nele coloca as plantas que correspondem com o nosso meio pessoal, quer isso nos agrade ou não. Muitas plantas são, na verdade, ervas daninhas que devem ser arrancadas segundo os critérios culturais que prevalecem. Quando estamos em férias, estamos em outras condições e podemos nos beneficiar disso...

O jardim interior do coração não começou como uma selva. Ele tornou-se assim em razão do comportamento do homem. Se a rosa que está no centro começa a desabrochar verdadeiramente, inicia-se um processo de maturação, uma transformação verdadeiramente revolucionária. A natureza se renova, então, a partir do plano original e realiza tudo que esse plano exige. Com um profundo anseio, como um pássaro que lança seus trinados jubilantes, como o rouxinol que não pára de cantar, a nova Alma entoa seu canto de louvor, observando um comportamento dedicado ao verdadeiro amor. Esse processo a torna imortal e ela se une ao Espírito no Jardim das Rosas preparado para essa união.

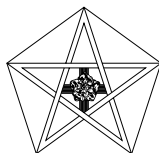
É assim que se constrói uma nova maravilha do mundo. Não se trata de uma maravilha da antiguidade, mas de uma revolução alquímica moderna no jardim secreto, o mundo intermediário eterno do cosmo regenerado. Esse mundo permanece oculto aos olhos profanos e não se pode ter acesso a ele

a não ser com um coração puro. Tal é a condição para se poder desvendar o profundo mistério, colher as rosas do jardim de Fohat e fazer jorrar para todos a água que sustenta a Vida.

¹ Rainha mítica construtora da cidade da Babilônia, a quem, em outros relatos, é atribuída a construção dos jardins suspensos. (N.T.)

² Rijckenborgh, J.v., *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, São Paulo, Lectorium Rosicrucianum, 1996, v.2, p. 45-46

³ Clayton, P.A. e Price, M.J., *The seven wonders of the ancient world*, Arch Publishing.



Existe uma nítida diferença entre as noções de «saber» e de «sabedoria». Para os pesquisadores no caminho, é importante compreender que a sabedoria divina nada tem em comum com os conhecimentos adquiridos e a compilação de informações.

(Saber... ou verdadeira sabedoria? Jan van Rijckenborgh, página 2)